

VIRLLANE ALINNE DE ALMEIDA SOUZA

ARION FARIAS: retrato de um acervo privado pessoal

João Pessoa, PB
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DE INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA

VIRLLANE ALINNE DE ALMEIDA SOUZA

ARION FARIAS: retrato de um acervo privado pessoal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Arquivologia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

João Pessoa, PB
2013

VIRLLANE ALINNE DE ALMEIDA SOUZA

ARION FARIAS: retrato de um acervo privado pessoal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Arquivologia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela.

Aprovado em: ____/____/2013

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Orientadora (UFPB)

Prof^a Dr^a Gisele Rocha Côrtes
Examinadora (UFPB)

Prof^a Ms Ana Cláudia Medeiros de Sousa
Examinadora (UFPB)

Aos meus pais Valdemar Matias e Maria Aparecida, por sempre prezarem pela minha educação, e ao meu irmão Valber Aley (Binho), pelo companheirismo e préstimos. Dedico!

AGRADECIMENTOS

Iniciarei meus agradecimentos com um trecho da música *Boa Nova*, de Palavrantiga:

*De tudo quanto eu tenho pra dizer
Eu digo muito pouco com as palavras [...]*

A Deus, minha fortaleza.

Aos meus pais, *Valdemar Matias de Souza Filho* e *Maria Aparecida de Almeida Souza*, por sempre lutarem para me dar uma vida e educação ao nível de suas condições. Pelos ensinamentos. Por me dar força, incentivar e acreditar que sou capaz de alcançar meus objetivos. Por depositar em mim, toda sua confiança. Por me ensinar a vencer na vida através dos meus esforços. Por isso, meus amados pais, sou grata aos senhores por tudo. Meu muitíssimo obrigada!

Ao meu irmão *Valber Arley de Almeida Souza (Binho)*, a quem tenho enorme admiração e que, além de um irmão maravilhoso, é um amigo que se faz presente em todos os momentos da minha vida, sempre me acolhendo e me dando amor, conselhos, palavras de conforto, “puxões de orelhas”. Binho, obrigada por tudo.

À professora *Bernardina Freire* por ter aceitado meu convite para ser minha orientadora e por, durante todo o desenvolver da minha monografia, ter acreditado em mim e ter aguçado todas as minhas capacidades, o que foi de suma importância para que eu galgasse meus objetivos. Agradeço também por todos os momentos em que precisei de sua orientação e fui prontamente atendida. Por toda sua compreensão, dedicação e acolhimento para comigo e todos os seus orientandos.

A *Seu Arion Farias*, um senhor de memória juvenil, por ter encarado comigo o prazeroso desafio de representá-lo: vida e obra. Por estar sempre disposto em me receber em sua casa para dialogarmos e compartilharmos informações. Por disponibilizar documentos de seu acervo para o desenvolvimento e o enriquecimento do meu trabalho.

Aos professores *Dulce Amélia, Guilherme Ataíde, Adolfo Júlio, Edvaldo Carvalho, Bernardina Freire, Meriane Vieira, Rosa Zuleide, Wagner Junqueira, Gisele Rocha, Carlos Xavier, Julianne Teixeira, Marckson Sousa, Emeide Nóbrega, Genoveva Batista, Clézio Amorim, Ana Cláudia Medeiros, Thaís Catoira, Gerthrudes, Luiz Lineu, Esmeralda, Rubens, Geane Luna, Telma, Leda, Márcio Bezerra, Carlos Aquino e Mozart Verget*, pelo conhecimento compartilhado.

Aos colegas *Derek Warwick Tavares* que, com seu jeito tranquilo, encantou a todos; *Dulce Elizabeth Sousa*, que com sua meiguice me conquistou; *Elaine Alves*, uma grande amiga e companheira de estágios que conheci no decorrer do curso; *Ismaelly Batista*, prima que conheci graças ao curso: admiro demais sua coragem de encarar a vida; *Josealdo Leite*, aluno de uma turma subsequente à minha, fora “adotado” por mim e toda a turma; *Judye Rolim*, eu lhe resumirei em uma única palavra: guerreira; *Laurene Miranda (Laura)*, sempre solidária para com seus colegas; *Luciano Lourenço*, com seu jeito tímido me conquistou; *Magno Alex*, muito pouco ouvi sua voz, mas o admiro bastante e obrigada, por quase sempre me fazer companhia na parada de ônibus; *Pablo Bandeira*, sempre presente nas discussões de sala trazendo algo a nos acrescentar; *Paulo Oliveira*, marcante fora sua presença e, inesperada, a sua saída de nossa turma; *Rafael Melo*, carinhoso, atencioso, humilde e deixou muita saudade em todos nós; *Sérgio Friedrich*, o paizão da turma pioneira, sempre lutando por melhorias; *Shara Medeiros*, pessoa que admiro imensamente, pessoa que diz o que sente, verdadeira, amiga; *Simone Francisco*, pequenina, mas de um coração gigante, minha companheira de trabalhos; *Walfrido Siqueira*, rapaz esforçado, mas logo nos abandonou; *Yarianne Gama*, conquistou a todos com seu jeito divertido e espontâneo. Pessoas com quem tive a honra de compartilhar momentos de muitos estudos, discussões, dificuldades, lutas e encontros memoráveis. Farão muita falta.

À *Rosane Lacet*, pela companhia às visitas e entrevistas a *Seu Arion*, pelas orientações informais, pela atenção e por sempre estar disposta a me ajudar.

À *Dona Miselda Farias*, esposa de *Seu Arion*, pela sua atenção, carinho e hospitalidade ao me receber em sua residência.

A *João Pedro Ferreira da Silva (Seu Pedro)*, chefe do Arquivo Histórico Waldemar Duarte, por sempre estar disposto em ajudar a nós, pesquisadores, e por ter me dado a brilhante ideia de desenvolver meu trabalho sobre o fotógrafo Arion Farias.

A *Márcio Palmeira*, que, além de ter me dado a oportunidade do primeiro estágio, me disponibilizou toda documentação de Arion Farias existente no Arquivo do Núcleo de Documentação de Pessoal e Informação (NDPI/UFPB).

Aos entrevistados, que muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, confiando a mim, informações de grande valia que tornaram meus objetivos possíveis.

À equipe da coordenação por estar sempre disposta a atender-nos.

A todos meus familiares e colegas que de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, tiveram algo de engrandecedor a me oferecer: exemplos, conselhos, apoio, etc. Agradeço a todos por me ajudarem a vencer mais uma das muitas vitórias que almejo.

A mão segura a foto e o olhar se fixa.
Reencontram-se os rostos dos amigos
desaparecidos. E o próprio rosto
também, surpreso em se reter antes das
devastações do tempo. Eu era assim? E
o que eu pensava naquela época?
Mudei? Ou estava tudo “posto” desde o
começo? Interrogações sobre o enigma
identitário e o continuum do ego.
Estamos todos condenados à
autobiografia.

Gerard Vincent
História da vida privada

RESUMO

Este trabalho visa (res)significar a trajetória de vida do fotógrafo Arion Farias do Nascimento e parte da obra por ele realizada, com enfoque teórico na escrita de si, a partir do seu acervo privado pessoal, tendo em vista seu legado artístico e cultural para a memória paraibana. Adotou-se como fundamentação metodológica, a pesquisa qualitativa do tipo documental - realizada no próprio acervo de Arion Farias, no Arquivo Histórico Waldemar Duarte e no Núcleo de Documentação de Pessoal e Informação (NDPI/UFPB) - associada às perspectivas da História Oral, na modalidade história oral temática desenvolvida através de entrevistas com Arion Farias e pessoas de sua convivência. Valendo-se da fundamentação teórica, intentou-se, através do estudo de seu arquivo privado pessoal, constituir o ato de arquivamento do eu como modo intrínseco de delinear sua própria trajetória de vida. Por conseguinte, após a coleta e análise dos dados, tratou-se de (re)construir a trajetória de vida de Arion Farias buscando retratá-lo sob diferentes perspectivas, enquanto seu acervo é estudado e interpretado como resultado de todo seu trabalho e paixão pela história paraibana. Dessa forma, deixa-se explícita a relevância histórica e cultural da obra de Arion Farias, que ultrapassa os limites do tempo e desenha, no presente, o retrato do passado paraibano.

Palavras-chave: Escrita de Si. Arquivo Privado Pessoal. Arion Farias.

ABSTRACT

This paper aims to give a new significance to the life trajectory of the photographer Arion Farias do Nascimento and the works produced by him focusing on self-writing from his personal private collection, taking into account his artistic and cultural legacy to the memory of the state of Paraíba. The adopted methodological foundation was the qualitative research of the documentary type - carried out at Arion Farias' own collection, at the Historical Archive Waldemar Duarte and at the Center for Personal Documentation and Information (NDPI/UFPB) - associated to the prospects of Oral History, in the modality of the thematic oral history developed through interviews with Arion Farias and people familiar to him. Using the theoretical foundation, through the study of his personal private archive, it was intended to prove that the act of archiving his own life is, intrinsically, a way of outlining his own life for other people to know it. Thus, after the collection and analysis of data, we rebuilt Arion Farias' life trajectory, with the purpose to represent him under different perspectives, while his collection is studied and comprehended as a result of all his works and passion for the history of Paraíba. Thereby, the historical and cultural relevance of Arion Farias' works is explicit, transcending the limits of time and drawing a true portrait of Paraíba's past.

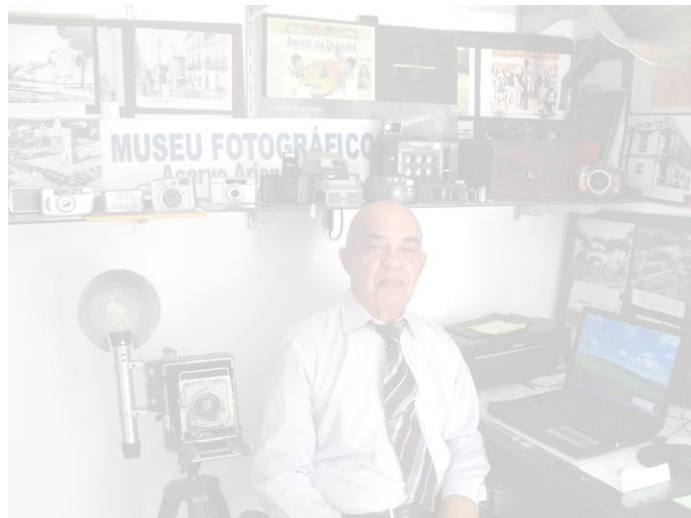
Keywords: Self-Writing. Personal Private Archive. Arion Farias.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Fotógrafo Ariel Farias (pai de Arion Farias).....	38
Fotografia 2 - Antigo Colégio Diocesano Pio X, hoje Colégio Arquidiocesano Pio XII.....	40
Fotografia 3 - Casamento de Arion Farias e Miselda Farias.....	43
Fotografia 4 - Arion Farias reunido com boa parte da família em espírito natalino.....	43
Fotografia 5 - Câmera <i>Crown Graflex</i> , 4X5 (Presente de Assis Chateaubriand a Arion Farias).....	56
Fotografias 6, 7, 8 - Pequena amostra iconográfica das fotografias de Arion Farias tiradas ao lado do fotógrafo Hudson Azevedo.....	57
Fotografias 9, 10, 11 - Pequena amostra iconográfica de Arion Farias participando da gravação do documentário “Álbuns da Memória - A fotografia na Paraíba”.....	59
Fotografia 12 - Animais preservados em resina colecionados por Arion Farias.....	65
Fotografias 13, 14 - Arion Farias palestrando para a turma do Curso de Arquivologia da UFPB, na disciplina de Representação Descritiva da Informação Arquivística, ministrada pela Prof ^a Bernardina no dia 21/08/2013.....	65
Fotografia 15 - Exposição das fotografias e equipamentos fotográficos de Arion Farias aberta ao público, realizada no Mezanino I do Espaço Cultural.....	66
Fotografia 16 - Arion Farias sendo entrevistado por Napoleão de Castro e Cláudia Carvalho, no dia Internacional da Fotografia, 19 de agosto, nos estúdios da rádio 101 FM, em João Pessoa, Paraíba.....	66
Fotografia 17 - Arion Farias sendo entrevistado pela TV Câmara.....	66

SUMÁRIO

1 FOCO	13
1.1 OBJETIVOS.....	23
1.1.1 Objetivo Geral	23
1.1.2 Objetivos Específicos	23
1.2 <i>CLICK E FLASHES</i> METODOLÓGICOS	23
1.2.1 Os primeiros contatos	26
1.2.1.1 As entrevistas e a pesquisa documental: fontes de histórias.....	27
2 ARQUIVOS PRIVADOS PESSOAIS: “arquivar a própria vida”	31
3 ARION FARIAS: um homem de muitas histórias	37
3.1 O FOTÓGRAFO	55
3.2 O PROFESSOR.....	60
3.3 O HISTORIADOR DE IMAGENS	61
3.4 O CRONISTA E SUAS PUBLICAÇÕES.....	62
3.5 O COLECIONISMO DE ARION FARIAS	64
3.6 O EDUCADOR SOCIÓLOGO.....	65
3.7 HONRARIAS RECEBIDAS.....	68
4 ACERVO PRIVADO PESSOAL DE ARION FARIAS: um acervo muito além das fotografias	72
4.1 A COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS	73
4.2 A COLEÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS FOTOGRÁFICOS	78
4.3 RECORTES DE JORNAIS E DOCUMENTAÇÃO PESSOAL.....	81
5 REVELAÇÕES	83
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICES	91



1 FOCO¹

Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, [um arquivo], um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.

(Calvino, 1990, p. 138)

A epígrafe que abre este capítulo nos conduz a justificar a escolha do nosso objeto de investigação e ancorar nossas opções e escolhas temáticas. Ao ingressar na Universidade Federal da Paraíba, especificamente na primeira turma do Curso de Arquivologia, vivemos muitas experiências e momentos que merecem ser lembrados e outros levados, conscientemente ou não, para o lado oposto: o esquecimento.

O mais importante nesta vivência acadêmica foram os desafios. E como afirma Calvino (1990, p. 138), “somos uma combinação de experiências, de informações, de imaginações”. Nesse misto de experiências, entram as nossas paixões pessoais. Foi exatamente na combinação entre o desafio de elaborar um Trabalho de Conclusão de Curso e minhas lembranças, que nasceu nossa temática de pesquisa e o nosso maior desafio nessa trajetória acadêmica.

Nesse sentido, podemos afirmar que existem três razões que nos conduziram ao encontro do objeto de pesquisa do nosso trabalho de conclusão de curso: a

¹ Optamos por intitular nossa Introdução de FOCO, tendo em vista que nosso objeto de pesquisa é um fotógrafo, pois levando para o lado fotográfico, quando queremos fotografar algo, uma das primeiras atitudes que tomamos é focar o objeto que desejamos fotografar. E foco, segundo o Dicionário dos Principais Termos Técnicos utilizados em fotografia, significa ajustar o sistema de lentes da câmera para o objeto ser visualizado com nitidez. Como neste capítulo apresentaremos o que iremos focar para desenvolver nosso trabalho, então, nos colocamos no lugar do sistema de lentes que se ajustará ao objeto a ser pesquisado, Arion Farias, com o objetivo de tornar a história da sua trajetória de vida e da sua obra acessível à sociedade.

principal, minha paixão por fotografias, nosso deslumbramento com as fotografias da expansão urbana da cidade de João Pessoa, expostas nos corredores do Arquivo Histórico Waldemar Duarte², e, mais adiante, nosso deslumbramento em buscar um tema que trouxesse em si mesmo, um ineditismo. Deu-se então, a busca por um arquivo privado pessoal. Encontramos o acervo privado do fotógrafo Arion Farias, que, apesar de seu valioso conjunto documental, ainda não havia sido estudado sob a perspectiva da arquivística aliada ainda, ao olhar teórico da escrita de si, entendida neste contexto sob a perspectiva teórica de Foucault³.

De repente, quase que ao acaso, voltamo-nos para dentro de nós mesmos, deixando vir à tona uma paixão quase oculta que tenho por fotografias, tanto que de início vislumbrava fazer o trabalho de conclusão de curso sobre algo que envolvesse fotografias: levantamentos bibliográficos foram feitos, muitos artigos identificados, leituras e fichamentos efetivados.

A cada leitura, aumentava nosso encantamento por fotografias. Pode até não parecer, mas temos uma enorme paixão por elas, por sua magia, pois a nosso ver, fotografia significa recordar, e recordar é (re)viver, lembrar, uma espécie de instrumento de (re)avivamento da memória. (Re)viver o passado, os momentos registrados. Toda essa paixão sofreu influências familiares. Provavelmente, a maior incentivadora tenha sido a avó paterna, com quem convivemos os quatro primeiros anos da nossa infância. Ela adorava fotografias. Posso até dizer que em cada cômodo de sua casa existe, não uma, mas, várias fotografias. Em segundo, a minha mãe, que apesar das condições financeiras razoáveis, sempre estava tirando fotografias dos nossos momentos mais importantes, meus e do meu irmão, dizendo que, quando a gente crescesse, teríamos lembranças do nosso passado. Como diz Barbosa e Silva

² O Arquivo Histórico Waldemar Duarte foi inaugurado no dia 2 de junho de 1987 pelo governador Tarcísio Burity e idealizado pelo jornalista e escritor Waldemar Duarte. O referido reúne documentos importantes do período colonial, imperial e da República, mais de 200 fotos doadas ao Espaço Cultural pelo fotógrafo Gilberto Stuckert em homenagem ao reconhecido fotógrafo e cineasta Walfredo Rodriguez, entre outros documentos sobre a História da Paraíba. O mesmo fica localizado no Subsolo do Espaço Cultural, rampa 4, próximo à rampa de acesso ao Teatro Paulo Pontes, na Av. Abdias Gomes de Almeida, 800 - Tambauzinho, João Pessoa - PB. Informações disponíveis no site: <http://www.funesc.pb.gov.br/cultura/index.php?option=com_content&view=article&id=62&Itemid=34>. Acessado em: 20 jun.2013.

³ A escrita de si, segundo Gomes (2004), integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental, especificamente quando compreendida na relação que se estabelece entre o indivíduo moderno e seus documentos.

(2010, p. 9), “A fotografia é o registro de um momento único da realidade, [...]. Desperta emoções e promove o resgate⁴ da memória”.

Nesse sentido, ainda nos ensina Saiman (*apud* MARTINEZ, 2009, p. 7),

[...] é, na sua materialidade, [...] uma fenda aberta no tempo, uma rachadura do espaço, uma marca, um rastro, um indício. Corte e galope, ela é essa superfície de signos múltiplos e complexos, abertas a um passado que já não existe mais e a um futuro que não chegou a ser. As fotografias são tecidos, malhas de silêncios, [...] películas das nossas vivências. As fotografias são memórias e confidências.

Podemos assegurar que nossa trajetória nos tenha conduzido ao encontro com o nosso tema. Em uma das minhas visitas ao Arquivo Histórico Waldemar Duarte, para realização do trabalho conclusivo do Curso de Introdução à Conservação e Restauro de Acervos Documentais - CICRAD⁵, o chefe do arquivo na ocasião, Sr. João Pedro Ferreira da Silva, mostrou-nos uma exposição de fotografias pelas quais nos encantamos. Elas levaram-nos de volta a um tempo não vivido. Eram fotografias belíssimas da expansão urbana da cidade de João Pessoa e de seus pontos turísticos, primeiro objeto então pensado para o desenvolvimento do nosso TCC.

Tempos depois, voltamos lá para comunicá-lo que pretendíamos usar aquele conjunto fotográfico para desenvolver o nosso TCC. Ele disse-me que havia um problema: a pessoa ideal para falar daquelas fotografias já havia falecido, e elas não possuíam tratamento técnico que fornecessem dados para o trabalho. Sugeriu-me, então, o fotógrafo Arion Farias e seu acervo fotográfico. Tudo parecia estranho. Fui então falar com minha orientadora. Ao mencionar o nome do fotógrafo Arion Farias, ela “deu pulos de alegria”. Teceu-me fortes e significativas indicações dizendo ser este o caminho que deveria seguir. Esse já era um desejo antigo da mesma, todavia, faltava-lhe alguém que tivesse a mesma disposição.

Arion Farias surgiu no nosso caminho quase que naturalmente, porém com forte impacto ao interesse tanto da orientadora, quanto ao nosso. Aqui podemos afirmar que, “o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no

⁴ Não pactuamos com o termo “resgate da memória” apesar de utilizado pelos autores. Preferimos a expressão(res)significação da memória, uma vez que toda memória é tratada no presente, de modo que é impossível seu resgate.

⁵ Curso composto de quinze módulos de estudo que abrangiam o campo da conservação e restauro de bens materiais em papel, realizado via *internet*.

meio da travessia”. (ROSA, 2006, p. 80). Unimo-nos em busca de delimitar a temática, uma vez que o personagem teria muitas faces a serem estudadas. Definimos, então, que estudaríamos sob uma perspectiva teórica da escrita de si, que, de acordo com Oliveira (2010), possibilita “estabelecer uma relação entre o indivíduo e seus documentos, e através deles com o seu contexto social e histórico”.

Outro desafio, a escolha da ancoragem teórica para construção analítica do nosso objeto de estudo: O Acervo Privado Pessoal do Fotógrafo Arion Farias. Intentamos a abordagem biográfica. Gomes (2004, p. 7) fala que, recentemente, houve no país um alto desenvolvimento nas produções de “caráter biográfico e autobiográfico” e que os leitores estão cada vez mais interessados pelas produções que têm como foco, a escrita de si.

Para Hernández (2005, p. 100, tradução nossa), a abordagem biográfica tem seu percurso marcado nas Ciências Sociais, e

[...] tem sido uma das constantes que, sob perspectivas epistemológicas e intenções teóricas diversas, chegou até nós com vigor incomum e de diferentes origens disciplinares. O interesse pela descrição biográfica não é recente, embora o lançamento da metodologia das histórias de vida coincide com o pico da Escola de Chicago nos anos vinte.

A “Escola de Chicago” foi a precursora das pesquisas científicas na área das Ciências Sociais, tendo como método de pesquisa as histórias de vidas. No entanto, de acordo com Guérios (2011, p. 10), depois da grande escala de produções usando este método sob o amparo dessa escola, este passou por uma forte decadência, voltando a ser usado com força, no final de década 70, na França.

Então, a partir das findas décadas do século XX, as formas de escrita de si, especificamente a autobiografia, começaram a passar por uma crescente valorização. No entanto, esta prática de escrita de si não é recente. Pois, se fizermos uma retrospectiva, iremos ter “os *hypomnemata*” e “as correspondências” como formas de escrita de si, entre os séculos I e II, citados por Foucault (1992, p. 134), as *Confissões* de Santo Agostinho no século IV, umas das obras de escrita subjetiva mais conhecida, e as *Confissões* de Rousseau, publicadas no século XVIII, surgindo com ele “o tempo a partir do qual não apenas os reis, os nobres e os heróis, mas também os homens

comuns passam a ter o direito de legar suas memórias, a história de suas vidas ao futuro”. (FINDÊNCIO, 2011).

Para Foucault (1992, p. 134), a escrita de si constitui uma

[...] etapa essencial no processo para o qual tende toda a *askesis*: a saber, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de acção. Como elemento do treino de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função *etopoiética*: é um operador da transformação da verdade em *ethos*.

Ou seja, a escrita de si tem a capacidade de compreender as diferentes formas do discurso a respeito do “eu”, trazendo consigo a função *etopoiética* que é a de transformar a realidade em “eu” e o “eu” em narrativa própria.

Gomes (2004, p. 10), ao discutir teoricamente os escritos de si, define a escrita de si como “um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental”, porém, esta denominação terá um melhor entendimento a partir da “ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos”.

A produção de si, conforme Gomes (2004, p. 11), é o conjunto formado por a escrita de si e a memória de si, tal que esta seja constituída por um conjunto de objetos materiais, como:

[...] é o caso das fotografias, dos cartões-postais e de uma série de objetos do cotidiano, que passam a povoar e a transformar o espaço privado da casa, do escritório etc. em um “teatro da memória”. Um espaço que dá crescente destaque à guarda de registros que materializam a história do indivíduo e dos grupos a que pertence. (GOMES, 2004).

Segundo Calado (2012, p. 30), o “principal objeto de investigação, ou até mesmo de especulação [da escrita de si] é o ‘eu’, o próprio sujeito [indivíduo] que narra, que realiza este registro a partir de um princípio de sinceridade.”

Autobiográfica, narrativas de si, narrativas do eu, memórias de si, escrita do outro, escrita do *ethos*, autonarrativas⁶ são algumas das expressões adotadas para denominar as formas de escrita de si. (CALADO, 2012).

⁶ Neste estudo, adotamos todos estes termos como sinônimos. Logo, a autobiografia será considerada como uma das formas da escrita autobiográfica.

“O método autobiográfico é o estudo de documentos pessoais narrados ou escritos [...], marcado por uma característica: explora a relação entre a experiência social e o caráter pessoal”. Por isso, o principal objeto da pesquisa autobiográfica é a vida de um indivíduo. (BARRENECHE-CORRALES, 2008). Tendo como “ponto central, é a construção de uma identidade através de seus próprios documentos, de seu próprio testemunho (onde a identidade do autor e do texto é criada simultaneamente pela escrita de si)”. (GRECCO, 2005, p. 42).

No primeiro momento da pesquisa autobiográfica, deve-se buscar na vida do indivíduo “indicações sobre sua realidade social, isto é, na fusão da sua subjetividade com a estrutura social”, pois nesta pesquisa, não se deve dissociar a “estrutura social da subjetividade, antes, deve representá-la como o primeiro passo de um processo dialético”. (BARRENECHE-CORRALES, 2008). Em outras palavras, a forma como o indivíduo conta sua vida não deve ser dissociada

[...] da realidade sócio-histórica, na qual sociedades e culturas representam e codificam as relações entre indivíduo e coletividade, público e privado, e do indivíduo em relação a si mesmo. Estas relações elucidam práticas de construção do homem como sujeito que cria para si um passado e um futuro. (MALATIAN, [?], p.02)

A pesquisa autobiográfica na contemporaneidade possui como um dos seus grandes nomes, Philippe Lejeune com sua obra *O pacto autobiográfico* (2008), tal que este conceitua resumidamente um texto autobiográfico como “basicamente uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa faz de sua vida”. (LIMA, 2010).

Lejeune (2008), de acordo com Tanno (2007, p. 102), também defende a ideia que “a autobiografia implica necessariamente a identidade entre autor, narrador e personagem, vínculo este de que o leitor não pode duvidar” e que nela “não existe a interferência de terceiros, o autor escolhe o que narrar e como narrar sua história”.

A autobiografia “pode ser comparada a um autorretrato, no qual a imagem visualizada traduz os aspectos que o escritor/personagem/narrador quis mostrar de si” (JOVIANO, 2008, p. 05), tal qual esta relação é chamada por Lejeune, de “pacto autobiográfico”. Este pacto não necessariamente se dá por meio de sua própria escrita, mas, também, por meio dos documentos que o titular criteriosamente arquiva como forma de testemunho de si mesmo.

A escrita de si é a reconstrução da trajetória de vida de um indivíduo, feita através de seus relatos de histórias vividas e de seus documentos e objetos acumulados no percurso de sua vida, cujo objetivo é construir sua identidade e sua autoimagem.

As práticas de escrita de si podem revelar que a trajetória de vida de um indivíduo sofre alterações durante seu percurso e que sua vida pode ser “decomposta” em momentos relacionados à vida pessoal, profissional, cultural, política e pública. Trazendo assim a “ilusão biográfica”⁷, ilusão de linearidade, ou seja, a trajetória de vida tende a experimentar “temporalidades diversas em sentido diacrônico e sincrônico”. (GOMES, 2004, p. 13).

Na contemporaneidade, com os avanços tecnológicos, houve uma mudança nos suportes da prática de escrita de si, sendo praticada também através dos *blogs*, *sites* de relacionamentos como o *Facebook* e álbuns fotográficos digitais. Todo indivíduo arquiva sua própria vida.

Artières (1998, p. 11) afirma que arquivamos nossas vidas, primeiramente, para responder:

[...] ao mandamento "arquivarás tua vida" - e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade.

No entanto, o autor sugere ainda, que

[...] não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens. (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Então, quando arquivamos nossas vidas, seguimos as características que Gomes (2004) indica como próprias dos registros dos indivíduos modernos: subjetivos, fragmentados e ordinários. Características estas que fundamentam

⁷ Título do famoso texto de Pierre Bourdieu.

aspectos dos arquivos do “eu” enquanto intenção autobiográfica, acerca da qual Artières (1998, p. 11) aponta que

[...] numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas.

Logo, é como se a escrita de si trabalhasse com a função de ordenar, rearranjar e (res)significar a trajetória de uma vida (GOMES, 2004). A importância e a necessidade do arquivamento do “eu” estão explícitas nas palavras de Artières (1998, p.14):

Mas essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso, devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas, sobretudo para existir no cotidiano.

Com a descoberta dos arquivos pessoais como fonte de pesquisa nos anos de 1970, foram descobertos também os documentos autobiográficos neles existentes. No entanto, ainda não se concebia os arquivos pessoais como uma forma de produção de si. Todavia, a apropriação dos mesmos como objeto de análise revelou aspectos relativos ao “eu” e suas funções, podendo usar estes documentos como meios para a construção de uma autobiografia, ou mesmo como testemunho de si e de outrem ou, ainda, como testemunho de memórias individuais e coletivas.

Desde então, os arquivos pessoais, de acordo com Gomes (1998, p. 125), tinham o intuito de

[...] guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma ‘verdadeira’: aí ele se mostraria ‘de fato’, o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros. A documentação dos arquivos privados permitiria, finalmente e de forma muito particular, dar vida à história, enchendo-a de homens e não de nomes, como numa *histoire événementielle*. Homens que têm a sua história de vida, as suas virtudes e defeitos e que os revelam exatamente nesse tipo de matéria.

Portanto, os arquivos pessoais possuem um encantamento que poderia ser chamado de “ilusão de verdade”, um tanto perigosa, pois “quanto mais está relacionada ao que talvez de mais rico os documentos pessoais podem nos trazer”. (GOMES, 1998, p. 126). Nesse entendimento, são os documentos pessoais que

[...] permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles ‘nossos’ atores aparecem de forma fantasticamente ‘real’ e ‘sem disfarces’. Nós, historiadores, podemos passar a conhecê-los na ‘intimidade’ de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos. (GOMES, 1998, p. 126)

Por outro lado, nos arquivos pessoais não se guardam apenas documentos pessoais compreendidos em seu sentido restrito, mas *lato*. Nele encontramos objetos, como por exemplo: álbuns fotográficos, medalhas, vestimentas, quadros, entre outros. Desse modo, quando nos referimos aos arquivos pessoais, estamos nos referindo às vastas e diferentes formas de registros de si, que podem ser estudados e analisados de maneiras diversificadas.

Seguindo o mesmo raciocínio, Venâncio (2004, p. 112) afirma que,

[...] ao longo dos anos 1990, diante do refluxo dos grandes modelos explicativos, da acusação de falta de objetividade dos estudos históricos e da demanda pela preservação de uma memória cada vez mais ‘verdadeira’, [...]. Os arquivos privados - conjuntos documentais de origem pessoal -, vistos como uma manifestação possível e objetiva da memória individual de seus titulares seduziram os historiadores pela esperança de se conhecer, através deles, o que realmente aconteceu.

Porém, esta volta aos arquivos privados pessoais como fonte de pesquisa se conferiu de maneira diferente do passado, pois o objetivo primeiro que é imputado a esses arquivos consiste em interpretar, a partir dos documentos, como “o real foi pensado, escrito e dado a ler pelos contemporâneos dos acontecimentos” e não mais encontrar nos documentos, a versão verdadeira dos tempos passados. Tornando assim cada documento “um desafio, um objeto singular a ser decifrado”. (VENANCIO, 2004, p. 112).

Nos arquivos privados pessoais, segundo Venâncio (2004, p 113),

[...] os titulares tornam-se ao mesmo tempo objetos e sujeitos de uma escrita de si, convertendo-se em autores de um registro sobre sua própria história. Através dessa escritura, o colecionador do acervo

manipula a existência de seu titular dando destaque e registro a determinados acontecimentos, ou, inversamente, omitindo e 'esquecendo' outros.

Desse modo, "a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar as nossas vidas". (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Diante dos estudos sobre escrita de si, optamos por encará-la como a face do "teatro da memória"⁸, na tentativa de (re)construir, ainda que mesclado pelos vãos e desvãos da memória e do esquecimento, a vida e obra do fotógrafo Arion Farias através de seu acervo privado pessoal.

O acervo privado pessoal do fotógrafo Arion Farias foi escolhido como objeto de pesquisa, primeiramente, com o propósito de aprofundar nossos estudos sobre arquivos privados pessoais - sendo estes compreendidos como um conjunto de documentos acumulados por uma pessoa física -, referentes à sua vida pessoal, profissional e social. Conforme um documento no *site* da Fundação Getúlio Vargas (2011, página principal), "são conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas, ao longo de suas de vidas".

Outro fator que pesou na escolha foi o fato de que os arquivos privados pessoais ainda são deixados à margem pela própria arquivística, como afirmam Duarte; Farias (2005, p. 40).

Em face dessa compreensão, optamos por tomar como foco investigativo o Acervo Privado Pessoal do Fotógrafo Arion Farias. Outro motivo para a escolha da temática foi desconhecer pesquisas de caráter autobiográfico que o tenham retratado, especialmente, quando o colocamos frente à história do Estado e da própria UFPB. Arion Farias, é, pois, uma espécie de legado artístico, um patrimônio significativo em produção, conhecimento e contribuição para a memória paraibana. Estudá-lo é, então, (res)significar sua contribuição intelectual e artística também para esta universidade. É uma tentativa de imortalizá-lo por meio da produção científica, um grão de mostarda frente ao papel de memorialista que vem desempenhando ao longo dos seus quase 80 anos.

⁸ Metáfora usada em citado texto de Angela de Castro Gomes. Ver Gomes (2004).

Sabe-se, através de pesquisas e entrevistas, que o fotógrafo e historiador Arion Farias possui um acervo privado pessoal riquíssimo em fotografias da história paraibana, equipamentos fotográficos e documentos pessoais que relatam sua trajetória de vida. Neste sentido, vale indagar: Quem é Arion Farias? Como foi/é composto seu acervo? E o que possui de tão relevante neste acervo? Como tentativa de responder a essas indagações, optamos por investigar o Acervo Privado Pessoal de Arion Farias traçando como objetivos:

1.1. OBJETIVO GERAL

(Re)construir a vida e obra do fotógrafo Arion Farias considerando seu legado artístico e cultural para a Paraíba.

1.1.1 Objetivos específicos

- Conhecer a vida e a obra de Arion Farias;
- (Re)construir, por meio da escrita de si, sua vida e obra;
- Elencar o material arquivístico que compõe seu Acervo Privado Pessoal; e
- Retratar seu Acervo Privado Pessoal, tendo em vista sua relevância no processo de (res)significação da memória paraibana.

1.2 *CLICKS E FLASHES* METODOLÓGICOS⁹

Adotou-se como fundamentação metodológica a pesquisa qualitativa do tipo documental, associada às perspectivas da História Oral, na modalidade história oral temática.

⁹ É através dos *clicks* e *flashes* que o fotógrafo obtém suas fotografias, então será através dos *clicks* e *flashes* metodológicos que alcançaremos nossos objetivos e obteremos nossos resultados.

De acordo com Laville e Dionne (1999, p. 43) *apud* Chiapetti (2010, p. 144), “as pesquisas qualitativas são mais apropriadas para investigar os fenômenos humanos, para que ‘tentemos conhecer as motivações, as representações, consideremos os valores, [...], deixemos falar o real a seu modo e o escutemos’”.

Para Bogdan; Biklen (1994) *apud* Chiapetti (2010, p. 143-144):

[...] uma pesquisa qualitativa, ao valorizar os aspectos descritivos e as percepções pessoais, procura compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, avaliar também o contexto em que vivem, através de valores, crenças, atitudes, representações, significados, opiniões e visões de mundo expressos na linguagem comum e na vida cotidiana dessas pessoas. Uma pesquisa qualitativa “trabalha” com informações subjetivas e locais e de fatos, fornecidas pelos sujeitos envolvidos.

No campo da pesquisa qualitativa, existem vários métodos que, segundo Silva *et al.* (2009, p. 02), são “utilizados de forma a se aproximar da realidade social, sendo o método da pesquisa documental aquele que busca compreendê-la de forma indireta por meio da análise dos inúmeros tipos de documentos produzidos pelo homem”.

A utilização da pesquisa documental deve ser valorizada e apreciada, pois através dos documentos podemos extrair e resgatar informações importantíssimas, que possibilitam “ampliar o entendimento [do objeto em estudo], cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural”. Os documentos, também, permitem “acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social”, cuja pesquisa documental “favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros”. (CELLARD, 2008 *apud* Sá-Silva, Almeida e Guindani, 2009).

Tal que, esta, na (re)construção da vida de um determinado personagem,

[...] constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de

atividades particulares ocorridas num passado recente. (CELLARD, 2008, p. 295 *apud* SÁ-SILVA, ALMEIDA E GUINDANI, 2009, p. 02).

A pesquisa documental, segundo Silva *et al.*, (2009, p. 04),

[...] permite a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos [documentos estes que ainda não passaram por nenhum tratamento científico] que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social.

No entanto, esta pesquisa é desenvolvida em duas fases distintas: a coleta dos documentos e a análise dos documentos. Dessa forma, a coleta é a fase em que o pesquisador se aproxima do local onde pesquisará suas fontes de investigação e tem acesso aos acervos e às fontes - se autorizadas, e a análise é a fase em que os documentos serão estudados e analisados sucintamente.

Como afirma Tanno (2007, p. 107), “rastrear seu modo de vida, suas experiências e sua inserção em algum grupo social estabelecido e seus conflitos internos e com o meio em que vive é uma prática de pesquisa que requer alguns instrumentos que são oferecidos pela micro-história”, para tanto associamos a esta, a História Oral, na modalidade história oral temática, para o desenvolvimento do nosso trabalho.

A História Oral “centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido”. (MATOS; SENNA, 2011). De acordo com Meihy (1998, p. 17), “é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas”.

Em meio às modalidades da história oral (história oral de vida; história oral temática; tradição oral), optamos pela modalidade da história oral temática, pois buscamos aqui, “o enquadramento de dados objetivos do depoente com as informações colhidas”. (MEIHY, 1998, p. 52).

Seguindo esta ideia, delineamos como caminho metodológico inicial a escolha do nosso objeto. Este caminho consiste em conhecer a vida e obra do fotógrafo Arion Farias e a formação do seu acervo privado pessoal. Conseqüentemente, foi necessária a realização de entrevistas e coleta de dados para o atendimento do objetivo proposto inicial.

A pesquisa iniciou-se com um levantamento bibliográfico, que auxiliou na construção do referencial teórico-metodológico. Para a coleta de dados, adotamos a pesquisa documental no acervo privado pessoal de Arion Farias, no Arquivo Histórico Waldemar Duarte e no Arquivo do Núcleo de Documentação de Pessoal e Informação (NDPI/UFPB), e as entrevistas que foram dirigidas com roteiro semiestruturado que, na maioria dos casos, serviram mesmo de base, pois a entrevista e o desenrolar desta foram determinantes na construção de novas perguntas e no diálogo mais produtivo. (APÊNDICE A)

As entrevistas foram realizadas com o próprio Arion Farias e com pessoas do seu convívio. Todas foram marcadas e realizadas em horário agendado, com exceção de duas, sendo uma delas feita via *e-mail*, da mesma forma, respondida e, a outra, através de anotações. As primeiras entrevistas foram realizadas com *Seu* Arion Farias e, em seguida, com a sua filha, Marion Nóbrega, e com pessoas que com ele conviveram. Em alguns casos, outras pessoas foram sendo identificadas por terceiros e, assim, constituindo-se a teia de entrevistados, que neste caso, em especial se deu no âmbito familiar, profissional e social. Agregamos ainda, a caderneta de campo como um importante instrumento de coleta de dados possibilitando capturar outros movimentos e informações que não foram possíveis por meio do uso da câmera fotográfica, marca Samsung, modelo PL50, na sua função de gravador.

1.2.1 Os primeiros contatos

Nosso primeiro contato foi feito com o próprio Arion Farias, na tarde do dia 25 de abril do corrente ano, por volta das 15h, com uma ligação feita pela minha orientadora para o seu telefone celular, número cedido pelo atual chefe do Arquivo Histórico Waldemar Duarte, Sr. João Pedro Ferreira da Silva. Quando ele atendeu, a minha orientadora se identificou e disse que estava com uma aluna que queria fazer um trabalho sobre ele e suas fotografias. Ele ficou radiante, já falando de seu acervo privado pessoal e dizendo que aceitava fazer conosco o nosso trabalho, já nos

passando seu endereço para irmos fazer-lhe uma visita. A professora passou-lhe nossos nomes e contatos, e disse-lhe que na segunda-feira, dia 29 de abril, entraríamos em contato para agendar a primeira visita.

Sendo assim, no dia 29 de abril, realizamos o primeiro contato. Ele nos atendeu de pronto. Com uma voz firme e ao mesmo tempo feliz, informou-nos que estava preparando uma exposição modesta com recortes de jornais sobre ele, algumas fotografias de seu acervo pessoal, cópia de seu currículo, e uma pequena mostra de alguns equipamentos fotográficos e prêmios. Então, perguntei-lhe qual seria o melhor dia e a hora para irmos à sua residência. De imediato fechamos a primeira visita para o dia 02 de maio, às 15 horas. O que se efetivou conforme combinado.

1.2.1.1 As entrevistas e a pesquisa documental: fontes de histórias

O primeiro entrevistado foi Arion Farias, objeto principal do nosso trabalho. No primeiro encontro, não realizamos uma entrevista e sim, uma conversa informal para nos conhecermos, uma visita social sem perder de vista, o interesse pelo objeto de estudo. Ele nos recebeu na tarde do dia 02 de maio¹⁰, conforme combinamos, em sua residência, localizada na Avenida Presidente Café Filho, bairro do Bessa. Chegando à frente do seu prédio, sua esposa já nos aguardava. Logo percebi que o trabalho de pesquisa não poderia deixar à margem, sua família. Todos estavam envolvidos com o momento. Entramos no prédio e nos dirigimos ao apartamento. Lá, ficamos frente a frente com Arion Farias e sua esposa, Miselda Farias. Já idosos, bastante elegantes, porém sem deixar transparecer a idade que o tempo lhes pesava, nos receberam atenciosamente, com um sorriso no rosto.

Arion Farias estava bem vestido - calça social na cor marrom, camisa de mangas compridas listrada em tons de marrom e preto, e sapato social -, de cabelos

¹⁰ Nesta primeira visita fui acompanhada, por determinação da orientadora de uma amiga, Rosane Lacet, que já conhecia o Professor Arion Farias, considerando que seria o nosso primeiro contato com ele e sua família.

penteados. Era nítida sua satisfação em nos receber. Quando adentramos o seu apartamento, fomos surpreendidas com vários recortes de jornais falando sobre ele, algumas fotografias, algumas máquinas fotográficas, alguns livros, lâmpadas raras que eram usadas para tirar fotos, entre tantos outros objetos que nos deixaram atônitas, e, ao mesmo tempo, reflexivas: éramos ainda tão inexperientes, tão iniciantes diante de um mestre com tantos saberes! A respiração voltou ao normal e passamos a observar o que ele havia nos preparado: eram muitos documentos de gêneros e espécies diferentes. Todos espalhados, no entanto, organizados, sobre o sofá, o centro, a mesa e uma cadeira. Subsequentemente, ele começou a fazer um apanhado do que tinha colocado em exposição e, paralelamente, relatou alguns acontecimentos vivenciados por ele.

Passados dois meses do nosso primeiro encontro, marquei, então, nossa entrevista para o dia 04 de julho. Esta foi dividida em três blocos, realizados em sua residência. Sempre que íamos lá, realizávamos também, a pesquisa documental e ele nos dava cópias de documentos pertencentes ao seu acervo privado pessoal, para o desenvolvimento da pesquisa. Em paralelo, íamos buscando outros documentos, chegando a identificar 800 crônicas escritas por ele e publicadas nos jornais Correio da Paraíba e O NORTE; bem como entrevistas jornalísticas, livros de sua autoria, livros publicados com suas fotografias e crônicas, reportagens sobre sua trajetória de vida, 14 mil fotografias e 500 máquinas fotográficas sob sua guarda, uma série de fotografias que retrata a fundação da UFPB sob a guarda do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), entre documentos.

À medida que localizávamos os documentos, outras angústias eram suscitadas: como utilizar as fontes em um curto espaço de tempo na construção do TCC? A tranquilidade voltou quando a orientação fornecida, pela professora, foi definindo e demarcando os limites impostos pelo trabalho em nível de graduação, entre outros aspectos. Porém, o legado que levamos, certamente subsidiará outros aprofundamentos. Afinal, toda esta pesquisa não se esgota em tão poucas páginas.

Foram realizadas cinco entrevistas ao todo. A seleção dos entrevistados seguiu o critério de aproximação com Arion Farias, no período de 04 de julho a 19 de agosto de 2013. Foram entrevistados: Arion Farias do Nascimento (nosso objeto principal),

Miselda da Silva Farias (esposa), Marion farias da Nóbrega (filha), João Pedro Ferreira da Silva (diretor sucessor de Arion Farias do Arquivo Histórico Waldemar Duarte) e Heitor Cabral (amigo e companheiro de alguns trabalhos).

As entrevistas foram realizadas com a nossa participação como pesquisadora e a do entrevistado, de modo que no primeiro momento era entregue nossa carta de apresentação (APÊNDICE B) para, só assim, darmos início à entrevista usando como auxílio, uma câmera fotográfica na sua função de gravador, como citado anteriormente.

Para a realização das entrevistas, seguimos alguns passos fundamentados na orientação de Meihy (1998). O primeiro passo após a gravação da narrativa foi **transcrevê-la**, ou seja, documentar o que foi gravado. O segundo passo foi a **revisão**, ou seja, entregamos aos entrevistados a transcrição de suas entrevistas para os mesmos fazerem os ajustes necessários, processo este denominado por Meihy (1998) de **transcrição**. E o último passo foi solicitar para os entrevistados assinar uma **autorização para uso de imagem, áudio e dados pessoais e biográficos**. (APÊNDICE C)

Todos os entrevistados nos autorizaram a utilização, a divulgação e a reprodução de imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por eles relatados, incluindo todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por eles apresentados e cedidos a este estudo.



2 ARQUIVOS PRIVADOS PESSOAIS: "arquivar a própria vida"

2 ARQUIVOS PRIVADOS PESSOAIS: “arquivar a própria vida”¹¹

Guardar, guardar, guardar...
 Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la,
 Em cofre não se guarda nada,
 Em cofre, perde-se a coisa à vista,
 Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la.
 Isto é: iluminá-la ou ser por ela iluminado.
 Estar acordado por ela,
 Estar por ela,
 Ou ser por ela...

(Alvin & Marina Lima - *Deve ser assim*, 1999).

Para estudar a vida e obra do fotógrafo Arion Farias é necessário, também, fazer uma revisão literária sobre arquivos privados pessoais, com o propósito de aprofundarmos nossos conhecimentos sobre os mesmos diante dos estudos arquivísticos.

A Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, art. 2º, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências, traz a seguinte definição para arquivos:

Consideram-se arquivos, para os fins desta Lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.

Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 27), os arquivos são “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte”.

¹¹ Título do texto citado de Philippe Artières. Ver Artières (1998).

Nota-se nas duas definições, a presença de documentos da natureza pública e privada, e a segunda definição ainda aborda a natureza individual desses documentos privados. Logo, “de acordo com seu produtor, os arquivos podem se dividir em duas classes fundamentais: públicos e privados”. (DUARTE; FARIAS, 2005).

Duarte e Farias (2005, p. 33) afirmam que:

Foi no mundo grego que passaram a coexistir os arquivos públicos e privados, os segundos deixando de ser constituídos, apenas, como arquivos de direito restringido. A partir de então, o conceito de arquivo sofreu modificações, tendo hoje a denominação de público e privado, em função de características específicas.

Rememorando Gonçalves (1996, p. 06, *apud* DUARTE; FARIAS, 2005, p. 36), “trecho da história da formação dos arquivos privados, dizendo”:

Será a partir do século XII, quando surgem os novos conceitos de “Estado”, “Família” e “Indivíduo”, que se começam a construir os arquivos senhoriais, paralelamente aos arquivos reais, já sem o conceito de “arquivo público”, mas sim com o de arquivo de indivíduos, de famílias a par dos arquivos eclesiásticos.

Sendo assim, “a construção de arquivo [privado] não é privilégio apenas de pessoas com passados representativos. Todo indivíduo produz e acumula informação dando origem a documentos guardados e organizados para um futuro próximo ou não”. (BAUMANN, 2011, p. 24). Esse se concretiza conforme “o titular passa a agrupar documentos resultantes de conjuntos de atos, em concordância com o seu modo de vida”. Agrupando assim, “itens documentais, dispondo-os próximos ou distantes, segundo uma necessidade presumida ou a constância dos acontecimentos”. (DUARTE; FARIAS, 2005, p. 33).

Ressalvando Duarte; Farias (2005, p. 33-34), que é comum encontrarmos nos arquivos privados, “documentos que enaltecem a imagem do titular e de seus pares, permanecendo camuflada a avaliação de seus deslizos, falhas, receios, erros e defeitos”, que certamente serão descortinados pelo arquivista na “etapa da análise documentária, alguns desses pontos negativos, que desfazem parte das proezas do titular, deixadas na grande parcela dos documentos acumulados”.

Os arquivos privados, segundo Bellotto (2006, p. 265), são caracterizados por serem

[...] constituídos por documentos produzidos e/ou recebidos por uma pessoa física (cidadão, profissional, membro de família ou elemento integrante de uma sociedade), enfim, de documentos que, preservados para além da vida dessa pessoa, constituem seu testemunho, como conjunto orgânico, podendo então ser aberto à pesquisa pública.

Afirmando ainda que os mesmos são resultantes

[...] da vida e obra [de uma pessoa ou de pessoas de uma mesma família], [...] cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas respectivas nas áreas onde desenvolveram atividades, detentor de informações inéditas para quem interessar. (BELLOTTO, 2006, p. 266).

E no mundo contemporâneo, com os avanços tecnológicos surgiram na *Web* inúmeros documentos com aspecto privado, como *blogs*, álbuns fotográficos digitais, *e-mails*. Contata-se, dessa forma, que “a avalanche de *blogs* são autênticos arquivos pessoais que têm informações individuais do produtor e são de fácil acesso a quem delas necessite, por qualquer razão”. Tornando-os assim, “fontes de difusão de informações pessoais no mundo contemporâneo”. (SIMÕES, 2011).

No entanto, os arquivos privados “representam sempre o vínculo pessoal que o titular mantém com o mundo. [...] Guarda a memória do titular e a de seu tempo para as gerações futuras, podendo contar muito mais do que se imagina.” (DUARTE; FARIAS, 2005, p. 34).

O conceito e a terminologia de arquivos privados encontram-se na literatura arquivística como remissiva para arquivos pessoais. Para ilustrar Bellotto (2006, p. 256) aponta que:

A conceituação de arquivos pessoais está embutida na própria definição geral de arquivos privados, quando se afirma tratar-se de papéis produzidos recebidos por entidades ou pessoas físicas de direito privado [...]. São papéis ligados à vida familiar, civil, profissional e à produção política e/ou intelectual, científica, artística, de estadistas, políticos, artistas, literários, cineastas, etc. Enfim, os papéis de qualquer cidadão que apresentem interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana social, religiosa,

econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre sua própria personalidade e comportamento¹².

Os arquivos privados também são formados “[...] em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas)”. (DUARTE; FARIAS, 2005, p. 74). Assim, o arquivamento do “Eu”, muitas vezes tem uma função pública, “pois arquivar a própria vida é uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte” (ARTIÈRES, 1998, p. 32); tornando-os verdadeiras fontes de pesquisas.

Desse modo, os arquivos privados constituem valiosas fontes de pesquisas, e atualmente, são vistas como importantes para o investigador, “pois é necessário preservar a memória de diversas personalidades, sendo a partir destes que tal se concretiza”. (SIMÕES, 2011, p. 12).

Para Baumann (2011, p. 24),

Os arquivos pessoais [privados] e de família representam uma fonte de pesquisa única capaz de interagir com estruturas comunicacionais de um indivíduo e sua relação com o mundo. Os avanços de estudos teóricos e metodológicos da arquivologia sobre os arquivos pessoais transformaram esses conjuntos documentais em preciosos repositórios informacionais para pesquisadores, que a cada dia se debruçam sobre o estudo de documentos de personalidades do mundo da cultura, da filosofia e das artes.

Possuindo os arquivos privados “funções utilitárias e a sua qualidade está na organicidade”, sendo os mesmos possuidores de uma organicidade própria, uma vez que eles sejam arquivadores de uma vida. Logo, eles se apresentam como “o espelho da vida de seu titular e, [...] permite conhecer a origem, a formação, a competência e/ou a atividade de quem o produziu, cabendo ao profissional da informação recuperar o sentido probatório dos documentos”. (DUARTE; FARIAS, 2005).

No âmbito dos arquivos privados, podemos identificar os arquivos privados pessoais, que são definidos,

[...] principalmente, pelo fato de todos os documentos do acervo possuírem como marca identitária uma relação direta com o nome próprio do titular do arquivo. Num arquivo pessoal, é o nome do

¹² Neste estudo, adotamos arquivos privados e arquivos pessoais como sinônimos.

titular que cria a identidade fundamental do acervo constituído. (VENANCIO, 2003, p. 18).

“Os arquivos privados pessoais permitem vislumbrar uma ‘vontade de guardar’, de tornar público o privado, de exibir a exemplaridade da própria história.” (VENANCIO, 2003, p. 19). Ou seja, vislumbram uma vontade de arquivar a própria vida, guardando e selecionando documentos das atividades desenvolvidas, pessoais ou profissionais, e de seus interesses, enfim, da sua trajetória de vida, cujo objetivo é deixar documentos que testemunhem os momentos vividos.

Duarte; Farias (2005, p. 74) esclarecem que

Quem arquivava seus próprios documentos, simbolicamente arquivava o que entende de si mesmo, ou como se quer fazer entender, passando a reunir as peças necessárias à própria defesa. Decifra a ordem dos acontecimentos, manipulando dados informacionais para a representação de sua história e de sua temporalidade.

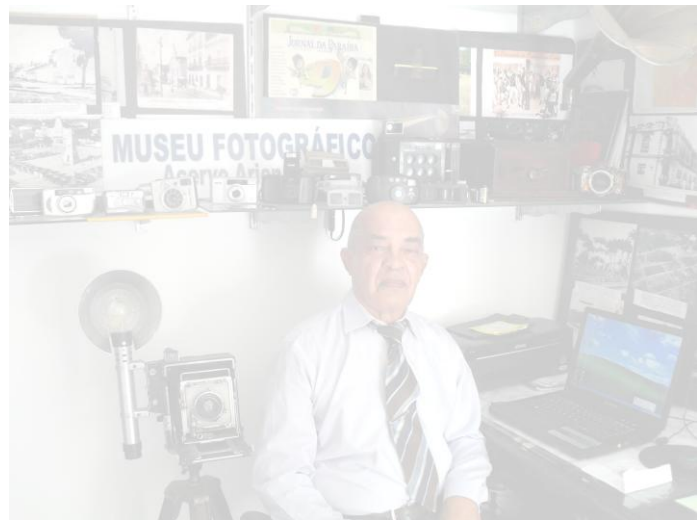
Venâncio (2003, p. 19) afirma que os arquivos privados pessoais se destacam

[...] como *locus* privilegiado de análise histórica, pois registram uma forma de acumulação privada que possui como marca identitária específica o nome próprio do titular. [...] A análise desse tipo de fonte permite a compreensão das relações estabelecidas entre as representações subjetivas do titular do arquivo e a memória que se constrói sobre ele.

Neste viés, Oliveira (2009, p. 46) afirma que

[...] o entusiasmo dessa compreensão de arquivos privados pessoais, como espaços narrativos de vida, faz-me alargar a compreensão do termo para direcioná-lo como um espaço autobiográfico, de uma escrita de si, pois, de acordo com Lejeune (2008, p. 224), ‘qualquer coisa pode ser autobiográfica, e a palavra tem mais a ver com a atitude de leitura da pessoa que a emprega do que com a natureza do objeto designado’.

Desta maneira, o presente estudo, revela o acervo privado pessoal de Arion Farias como ponto de partida para se compreender, sob a perspectiva da escrita de si, um homem, uma vida e sua obra, pois “os arquivos privados pessoais revelam-se, portanto, como a própria consistência do sujeito, o lugar onde guarda aquilo que lhe é de foro íntimo, tendo nele um sentido pessoal, próprio”. (OLIVEIRA, 2009, p. 46).



3 ARION FARIAS: um homem de muitas histórias

3 ARION FARIAS: um homem de muitas histórias

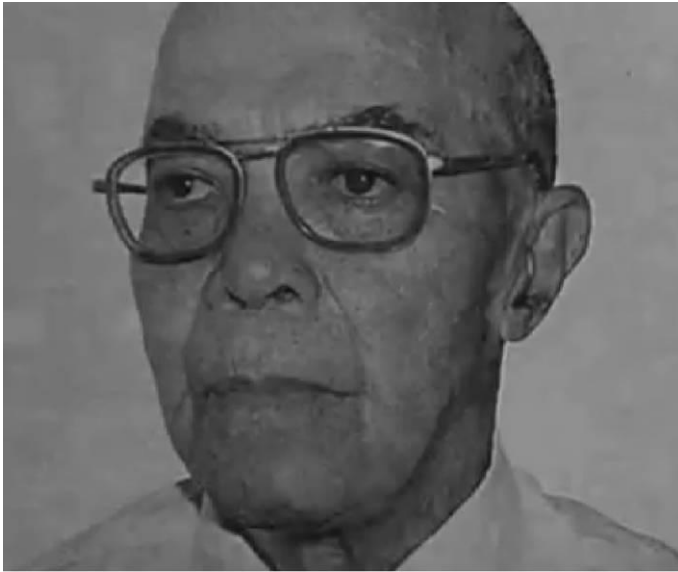
Existem nas recordações de todo homem coisas que ele só revela aos amigos. Há outras que não revela mesmo aos amigos, mas apenas a si próprio, e assim mesmo em segredo. Mas também há, finalmente, coisas que o homem tem medo de desvendar até a si próprio [...].

(Dostoiévski)

Arion Farias do Nascimento, fotógrafo, historiador de ofício e professor, 78 anos, de expressões fortes, voz firme, semblante sério, pele morena, estatura mediana, calvo e os cabelos que lhe remanescem pintados pelo tempo. Procura estar sempre bem vestido e cabelos impecáveis, não dispensa seus trajes de fotógrafo: calça social, camisa de mangas compridas, abotoaduras de punho, gravata sempre com prendedor e sapato social. Postura sempre alinhada, rosto oval, olhos castanhos escuros e pouco se vê seu sorriso mas, quando sorri, nos demonstra a imagem de franqueza e caráter forte.

Nasceu no dia 29 de agosto de 1935, na cidade João Pessoa, mais especificamente em casa situada na Rua Treze de Maio, próximo à atual Praça João Pessoa, no bairro de Jaguaribe, onde viveu boa parte da sua vida. Filho do fotógrafo Ariel Alexandre de Farias e da dona de casa Argemira do Nascimento Farias, ambos pernambucanos. Seu pai, Ariel Farias, veio de Pernambuco para Paraíba, onde se casou e firmou residência. Chegou aqui na turbulência dos anos de 1930¹³ para trabalhar no jornal A União, período em que a capital acabara de mudar o nome Parahyba para João Pessoa em homenagem ao presidente morto. Ariel Farias deu uma inestimável contribuição à produção fotojornalística da Paraíba.

¹³ No ano de 1930 foi deflagrado o movimento armado que mudou radicalmente o panorama político brasileiro. A Revolução de 1930 foi liderada pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul culminando com o golpe de Estado que depôs o Presidente da República Washington Luís, impedindo a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à chamada "República Velha". Informações disponíveis no site: <<http://paraibanos.com/joaopessoa/1930/index.htm>>. Acessado em: 01 set. 2013.



Fotografia 1 - Fotógrafo Ariel Farias (pai de Arion Farias)

Fonte: Curta-metragem “Álbuns da Memória: A fotografia na Paraíba” de Elisa Cabral.

Extração: SOUZA, Virllane

Arion é o primogênito dos cinco filhos do casal, tendo como irmãos: Ariel Alexandre de Farias Filho, Carmem Farias do Nascimento, Berenice da Silva Farias e Lúcia Farias do Nascimento. Teve uma infância marcada pelas visitas feitas à casa dos seus avôs, Nascimento (avô materno) e Tota (avô paterno), em Recife, que diz não lembrar o nome completo deles, porém suas memórias retratam-nos sempre pelo nome carinhoso como os chamava. Apesar disso, faz um esforço e remove seu baú de lembranças, relatando:

Da minha infância eu tenho [lembranças], do meu avô. Eu sou muito feliz porque eu conheci meu avô. Meus avôs, né, da parte da minha mãe e do meu pai, né, conheci assim, tal, sentava no colo deles, e tal, entendeu? Ia para Recife, passava dois meses lá de férias, né, entendeu? Eu já com doze anos ia para Recife sozinho de ônibus passava dois meses na casa de meu avô, sozinho com doze anos idade. Pegava um ônibus de Recife aqui, saltava na Avenida principal do Recife, da Palma, pegava o ônibus defronte o Correio telégrafo para o Cordeiro, saltava com a minha maleta e ia pra casa da minha tia, sozinho, com doze anos de idade.

Em 1947, aos 12 anos, ele começou a frequentar o estúdio do seu pai, o Foto Condor, instalado na Vila Miguel Couto, n.º 48, em 1939 pelo fotógrafo Newton Viana, que o transferiu para seu pai, Ariel Farias, no ano de 1942. O Foto Condor, conforme Nascimento (1985, p. 33) e seu relato, instalou e, durante alguns anos, manteve como meio de publicidade o 1º Jornal Mural da Paraíba, divulgando

[...] reportagens fotográficas de acontecimentos diários da polícia e das ruas [não existia meio de comunicação como tem hoje, só os jornais, ele

tirava as fotografias, meu pai, botava pros jornais, e colava na cartolina e na frente do estabelecimento’]. Arrastava para sua porta uma multidão de pessoas [‘por cerca de mil pessoas diariamente’] que se acotovelavam na calçada para ‘ver’ os acontecimentos diários, antes mesmo da publicação nos jornais locais. Por isto mesmo, o público denominava o ‘Foto das Multidões’.

No entanto, em uma noite de São João, o Foto Condor teve todo seu repositório de publicações diárias destruído por um incêndio. Passou então, a funcionar precariamente durante quatro anos nos escombros do seu antigo estúdio.

Foi no Foto Condor que Arion Farias passou os primeiros anos de sua juventude e teve as primeiras aulas do ofício de fotografar. Foi no Condor ajudando seu pai na preparação de *flash* de magnésio de fabricação artesanal, que desenvolveu sua carreira profissional como fotógrafo, fotografando os acontecimentos gerais da cidade para jornais. Fotografou, também, autoridades, entrevistas feitas pelos jornalistas, festas de aniversário, 1ª Comunhão, casamentos, formaturas, entre outros eventos da época. Sua participação se profissionalizara também, em virtude do volume de trabalho abarcado pelo Condor, tanto que, quando seu pai assumia muitas responsabilidades em paralelo na cobertura de eventos, dividia as atividades encarregando Arion de fotografar parte deles. Por ser um rapazinho de estatura pequena e franzina, a câmera fotográfica ser cara e de difícil manuseio e, por irem de bonde fazer as fotografias, seu pai sempre mandava um funcionário para acompanhá-lo, pois era perigoso deixá-lo sozinho. Como relata sua filha Marion:

[...] era tão pequeno e franzino quando começou a manipular uma câmera que precisava que meu avô contratasse alguém para segurar a câmera enquanto ele batia as fotos de acidentes e outras coisas da época.

Aos 13 anos, pediu ao seu pai para estudar. Este o matriculou no Colégio Diocesano Pio X, próximo à Igreja São Francisco, onde, hoje, funciona o Colégio Arquidiocesano Pio XII. O Pio X era um colégio de mensalidades caras, lá só estudava a aristocracia, como: atuais ex-governadores da Paraíba (Antonio Mariz, Zé Maranhão - seu vizinho de cadeira). Desse modo, seu pai pagava as mensalidades com dificuldades e, na maioria das vezes, atrasava. Segundo seu próprio relato, o irmão Marista chegava à sala de aula e chamava pelo nome e em voz alta, os alunos que estavam em débito com a mensalidade, para comparecer à diretoria. Ele e alguns

colegas de turma acabavam sendo alvos de chacota, pois, quando o irmão Marista visitava as salas, todos já sabiam que era a mensalidade atrasada e o vaiavam sonoramente.



Fotografia 2 - Antigo Colégio Diocesano Pio X, hoje Colégio Arquidiocesano Pio XII

Fonte: *Facebook*

Para fugir das costumeiras chacotas em razão das mensalidades em atraso, buscou uma alternativa que o auxiliaria, em alguns momentos, na redução da dívida e, em outros, em sua quitação. Para isso, apropriou-se do seu ofício e propôs fotografar as turmas do Colégio ou mesmo fotografar os alunos, provavelmente com a célebre fotografia em que o aluno posa no birô, ladeado pelas bandeiras do Brasil e do Estado, como ele mesmo narra:

[...] reunia mensalmente uma turma de alunos no pátio do colégio formando um grupo, com o Marista no centro, e vendia um postal [fotografia 9x14] a cada aluno e o dinheiro dava para pagar a mensalidade do mês e, o resto, era dividido para ele, e para a construção da capela, assim cada mês uma turma e mais uma mensalidade. (RECORTE DE JORNAL QUE CIRCULOU NA CIDADE, 1983).

Concluiu, graças à sua brilhante ideia, o ginásial que hoje corresponde ao ensino fundamental. Depois da conclusão do ginásial, fez os exames supletivos dos 1º e 2º graus, no Colégio Estadual Liceu Paraibano, possuindo como nível de escolaridade o ensino médio completo. Porém, sabedoria de gênio.

Aos 14 anos, Arion Farias já era incumbido de executar tarefas para fotógrafos como Gilberto Stucket¹⁴. Também acompanhou o jornalista, empresário, colecionador, mecenas, advogado, político, diplomata e proprietário do jornal O Norte, o famoso Assis Chateaubriand, dando-lhe cobertura e fotografando-o pelos interiores paraibanos durante suas campanhas políticas e quando veio à Paraíba patrocinando o combate à praga de gafanhotos que devastava o interior do Estado. Durante esse tempo, trabalhando no jornal O Norte, Arion Farias era apenas *freelancer*.

Em 1951, com 16 anos, de terno e gravata, e muitas experiências, atuou no auditório da Rádio Tabajara “especando seu *flash* sobre rostos de famosos intérpretes brasileiros da década de 1950, tais como Alcides Gerardi, Dalva de Oliveira, Dóris Monteiro, Luiz Gonzaga, Nelson Gonçalves, Nora Ney, Orlando Silva, Vicente Celestino, entres outros -, “transformando em pequenos retratos que vendia para os fãs”. (DICIONÁRIO DAS ARTES VISUAIS NA PARAÍBA, 2010). No mesmo ano, começou a fotografar para o Dr. Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega, um famoso médico paraibano, escritor e historiador por ofício. Fotografou para esse ilustre personagem durante muitos anos, viajando pelo interior do estado da Paraíba, aos sábados e domingos, em busca de suas histórias, florescendo assim, o interesse que Arion Farias tem pela história e pelo colecionismo. Este entendido sob a perspectiva do Instituto de Pesquisa do Colecionismo (2002b, p.2), ao registrar que:

[...] cada passo dado por um colecionador ou por uma instituição forma em si um movimento, onde os colecionadores e a sociedade como um todo se tornam um elemento ativo como formador de toda a metodologia desta teoria do conhecimento e do comportamento humano que nada mais é do que a Epistemologia do Colecionismo e as ciências a fim. O colecionismo atualmente é visto como um fenômeno de atuação entre o homem e os objetos que o cercam ou

¹⁴ Gilberto Stucket é filho do suíço, fotógrafo, pintor e desenhista, Eduard Francis Rodolf Deglon Stuckert, que chegou ao Brasil, mais especificamente à Paraíba, no início do século passado pelo porto de Cabedelo, a bordo de um navio francês. Eduard Stuckert junto com seus filhos homens montou o “Foto Íris”, que, posteriormente, foi mudado para “Foto Stuckert”, na Rua Duque de Caxias, no centro de João Pessoa, faleceu na década de 40, deixando com o filho Gilberto Stuckert, a responsabilidade de continuar os negócios de fotografia, de modo que no período de 1940 a 1960, Gilberto Stuckert foi o profissional que mais registrou, através da câmera fotográfica, em postais PxB, a cidade de João Pessoa. Gilberto Stuckert faleceu no dia 20 de outubro de 1986.

que fizeram parte da história e hoje povoam seu imaginário ou recordações.

Por ter iniciado sua vida profissional muito cedo, Arion Farias, não teve oportunidade de vivenciar sua juventude, os bailes e *assustados*, festas prevalecentes à época. Como ele mesmo relatou: “[...] *eu não tive essa satisfação, essa felicidade, essa beleza da juventude*”. Vindo aproveitar estes momentos após os 18 anos, quando começou ir às retretas no Cassino da Lagoa, juntamente com seus amigos José Octávio de Arruda Mello e Wellington Aguiar, onde, aos sábados e domingos, na calçada em frente ao Cassino, uma banda de música tocava ritmos, tais como: dobrado, valsa, samba, bolero, entre outros, em que rapazes e moças passeavam, indo e vindo pelas alamedas. Os rapazes de gravata, paletó, sapato engraxado, cabelo na brilhantina e partido ao meio, óculos *Ray Ban* e as moças de manga fofa, saia godê plissada¹⁵, sempre davam um pequeno giro ou viradinha, o que revelava os movimentos da roupa e o charme de cada uma delas. Relatou Arion Farias afirmando ser uma época romântica, do belo respeitoso, ou seja, da “apreciação do belo pelo olhar da ingenuidade”.

Mas, Arion Farias, já despertava seu olhar para uma jovem vizinha, que segundo ele era possuidora de beleza singular. Todos os dias o ir e vir do trabalho permitia apreciá-la ao longe, até que o tempo lhes oportunizou raríssimas trocas de olhares, por entre as frestas da cerca de zinco que separava a residência dos dois. Cada minuto sem vê-la parecia um século que os separava. O sentimento que rapidamente aumentara fez com que ele fosse ao pai dela e a pedisse em casamento, fato que se efetivou no dia 10 de novembro, de 1954, quando contraiu núpcias com Miselda da Silva Farias como ele mesmo disse: “[...] *uma mulher muito bonita, muito equilibrada, muita educada, muito humilde*”. Foram sete anos de namoro a distância e quinhentos bilhetes escritos, guardados e preservados como testemunhos de uma confissão do amor que os conduziu a construir sua própria família.

¹⁵ Técnica francesa para dobrar em pequenas pregas o tecido maleável para saias curtas e longas. A moda surge nos anos 50.



Fotografia 3 - Casamento de Arion Farias e Miselda Farias.
Fonte: Acervo Privado Pessoal Arion Farias

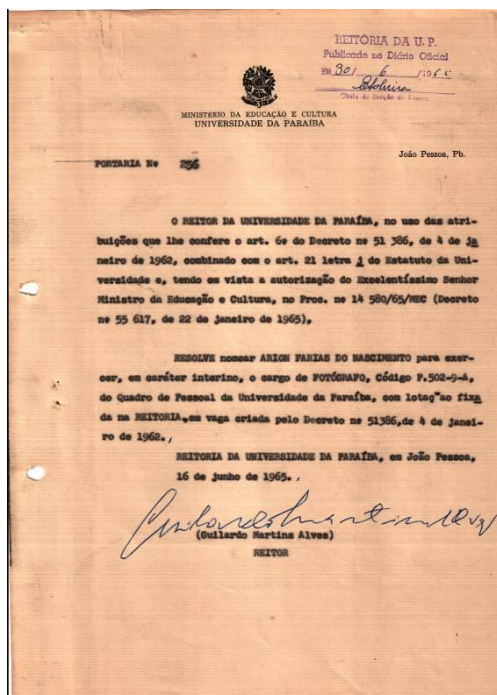
Após 58 anos ininterruptos de casamento, têm, como fruto deste matrimônio, quatro filhos: Marion Farias da Nóbrega, Mariel Farias de Albuquerque, Oriel da Silva Farias e Orion da Silva Farias; dez netos: Juliano, Rafael, Luciano, Adriana, Daniela, Catherine Esthaine, Caroline Esthaine, Rebeca, Rayanne e Raquel; e um bisneto: Benjamin.



Fotografia 4 - Arion Farias reunido com boa parte da família em espírito natalino. Da esquerda para a direita: Marion, Mariel, [?], Arion, Miselda, [?], Juliano, Luciano, Catherine, Caroline, Daniela, Rebeca, Adriana, Rafael e Rayanne.
Fonte: Acervo Privado Pessoal Arion Farias

Na década de 1960, passou a trabalhar regularmente na imprensa paraibana, atuando junto ao O Norte, Correio da Paraíba e outros que surgiram na base da crítica como A Tribuna, despertando mais ainda seu interesse pela história, mais

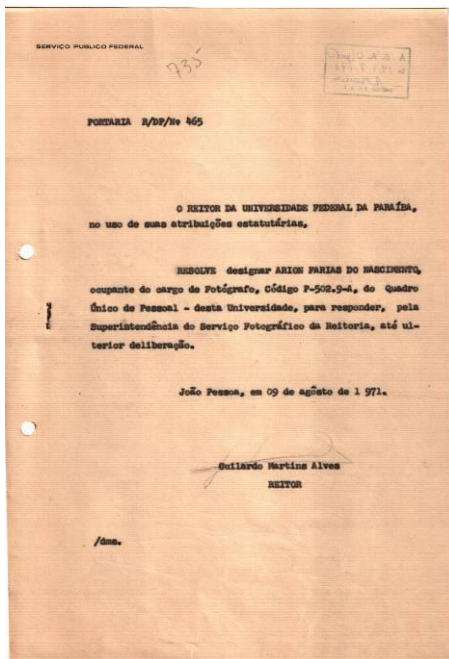
especificamente pela história da cidade de João Pessoa e suas ruas. Como fotógrafo da imprensa se destacou como fotorrepórter nas revoltas camponesas, greves estudantis e grandes crimes da crônica policial pessoense, dominando assim, o fotojornalismo até a década de 1970. Durante este período, teve como adversário Valdomiro Ferreira. Também teve a oportunidade de conhecer e trabalhar com grandes jornalistas da época, como: Barroso Pontes, Dulcídio Moreira, entre outros e de conviver com historiadores com quem procurava sempre conversar.



Seu conhecimento pela arte de fotografar acabou por aproximá-lo do então Reitor da UFPB Prof. Dr. Guilardo Martins Alves¹⁶, cujo relacionamento e admiração por seu trabalho acabaram por render-lhe sua nomeação em 1965, por meio da Portaria nº 256, de 16/06/1965 para exercer em caráter interino, o cargo de fotógrafo, Código P. 502-9-A, com lotação na Reitoria, Portaria esta assinada pelo Reitor Guilardo Martins Alves e publicada no Diário Oficial no dia 30 de junho do mesmo ano. Tornando-se assim, o primeiro o fotógrafo

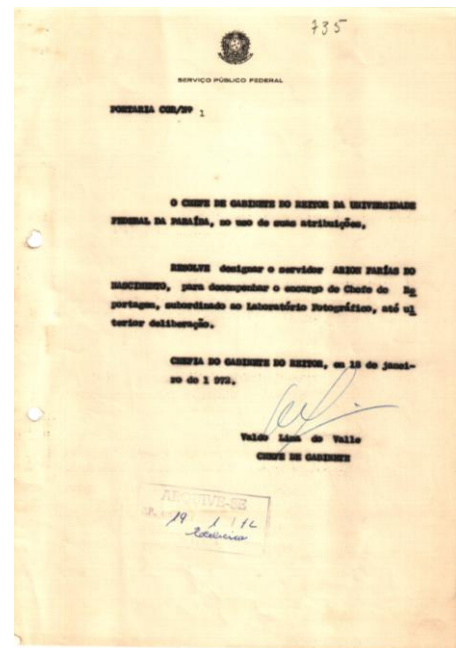
nomeado da UFPB. Com menos de um mês de sua nomeação foi assinada a Portaria nº 348, 12/07/1965 pelo mesmo reitor determinando-o que passasse a exercer atividades no Serviço Fotográfico da Reitoria. E, em 1967, por dominar e possuir um alto conhecimento técnico e científico na área fotográfica, substituiu o Bacharel Hermano Galvão assumindo assim, a direção do Laboratório Fotográfico da UFPB.

¹⁶ Guilardo Martins Alves foi reitor da UFPB no período de 1964 a 1971. Professor de Medicina e major R2 do Exército, interventor *manu militari* (por ação militar) da instituição foi transformado em reitor pelo Conselho Revolucionário em ato coonestado pelo Conselho Universitário e ratificado pelo Conselho Federal de Educação. Em seu reitorado foi registrado o primeiro surto de expansão da novel UFPB. Texto retirado do livro citado de Cláudio José Lopes Rodrigues. Ver Rodrigues, 1997.

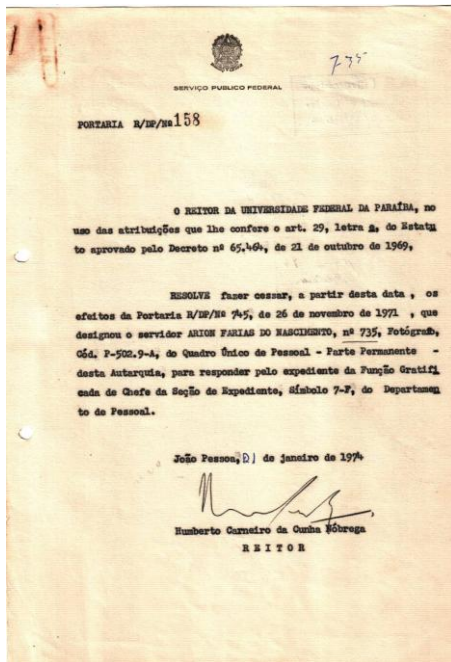


Arion Farias sempre teve uma vida profissional e pessoal muito ativa, e como funcionário da UFPB não foi diferente. Em 1971, foi designado pela Portaria R/DP/Nº 465, 09/08/1971, assinada pelo Reitor Guilardo Martins Alves para responder pela Superintendência do Serviço Fotográfico da Reitoria. Em 1972, já no reitorado de Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega¹⁷, Valdo Lima do Valle - Chefe do Gabinete designa-o através da Portaria CGR/Nº 1, 18/01/1972, para desempenhar o encargo de Chefe de Reportagem, subordinado ao Laboratório

Fotográfico, tal que de acordo com uma ficha existente em sua pasta funcional localizada no Arquivo do Núcleo de Documentação e Informação ao Pessoal (NDPI) na UFPB, ele exercia as seguintes atividades: era responsável pelos serviços de reportagens fotográficas da UFPB; coordenava e supervisionava os serviços, distribuindo serviços aos seus auxiliares; planejava os trabalhos de acordo com a orientação técnica do Laboratório Fotográfico e executava, quando necessário, todo e qualquer trabalho relacionado com a arte fotográfica.



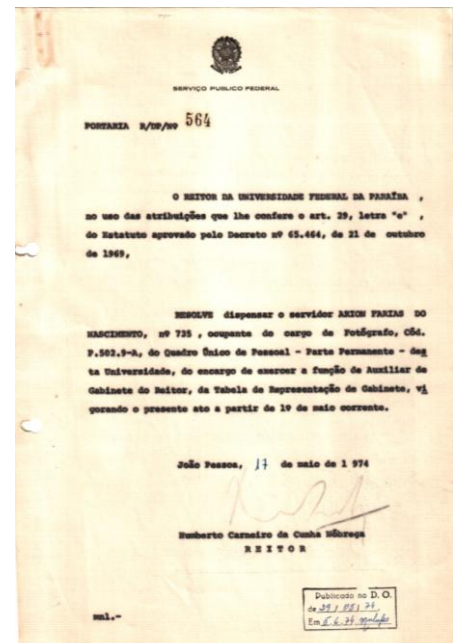
¹⁷ Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega foi reitor da UFPB no período de 1971 a 1975. De família tradicional, simboliza com muita fidelidade um segmento majoritário dos pioneiros do ensino superior na Paraíba. Foi um dos responsáveis pela fundação da Faculdade de Medicina (início dos anos 50) e um dos seus diretores. Historiador de ofício, escreveu trabalhos referentes a área de Saúde no Estado e a temas ligados à literatura. Texto retirado do livro citado de Cláudio José Lopes Rodrigues. Ver Rodrigues, 1997.



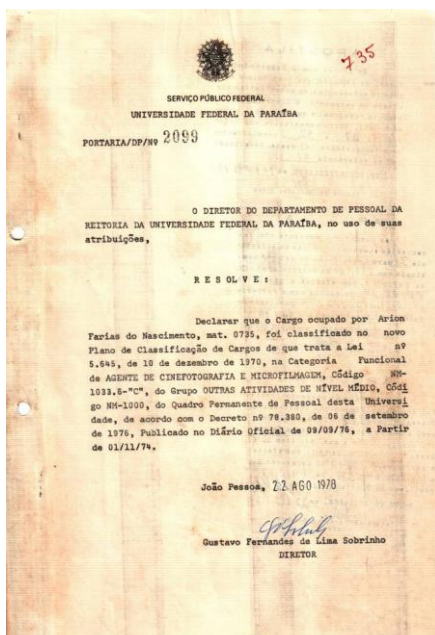
Ainda no reitorado de Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega, Arion Farias também exerceu as seguintes funções: Chefe da Seção de Expediente, Símbolo 7-F, do Departamento de Pessoal, designado pela Portaria R/DP/Nº 745, 26/11/1971, deixando de exercer a função em 1974, quando essa portaria foi cessada pela Portaria R/DP/Nº 158, 21/01/1974;

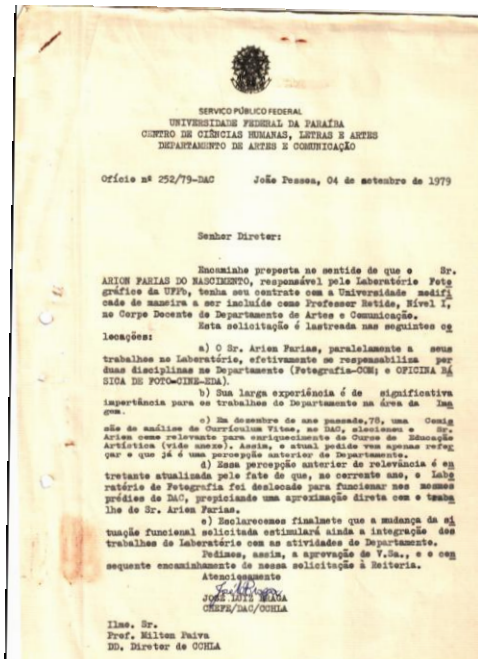
Chefe da Seção de Expediente, Símbolo 7-F, do

Departamento de Administração, designado pela Portaria R/DP/Nº 159, 21/01/1974, no entanto essa Portaria foi cessada pela Portaria R/DP/Nº 209, 25/01/1974, ficando nessa função somente 10 (dez) dias; e Auxiliar do Gabinete do Reitor, designado pela Portaria R/DP/Nº 210, 25/01/1974, dispensado dessa função pela Portaria R/DP/Nº 564, 17/05/1974.



Em 1978, foi assinada a Portaria DP/Nº 2099, 22/08/1978 que declara a mudança do cargo de Arion Farias, passando o mesmo a ocupar o cargo de Agente de Cinefotografia e Microfilmagem. E, iniciou sua docência na UFPB, onde começou ministrando aulas para o curso de Arquitetura, implantando no mesmo a disciplina de Fotografia que era ofertada como optativa, visando não interromper a programação curricular exigida pelo Ministério da Educação e Cultural (MEC), que pretendia o reconhecimento do curso.



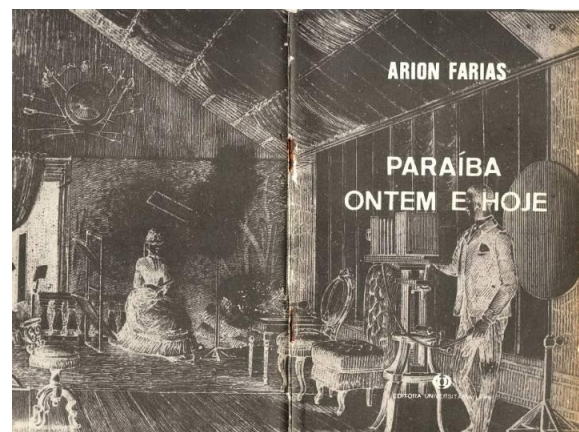


Ainda em 1978, o coordenador do Curso de Educação Artística da UFPB solicitou a Arion Farias seu currículo para uma posterior análise pela comissão de seleção de currículos nomeada pelo Departamento de Artes e Comunicação (DAC), tendo em vista a necessidade de contratação de novos professores. Sendo seu currículo selecionado, o chefe do DAC do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) encaminhou o Ofício nº 252/79-DAC, 04/09/1979 ao diretor do CCHLA com a proposta de modificar o contrato do referido de

maneira a ser incluído como Professor Retido, Nível I, no corpo docente do DAC. Tendo sido aceito e efetivado na função de professor conforme Resolução nº 200/77 do Conselho Universitário da UFPB (CONSEPE), que dispõe sobre a contratação de docente para o desempenho de atividades de extensão artística, fora, então, contratado no primeiro momento como docente ligado à extensão. Sendo, dessa forma, um dos poucos professores contratados em razão do notório saber.

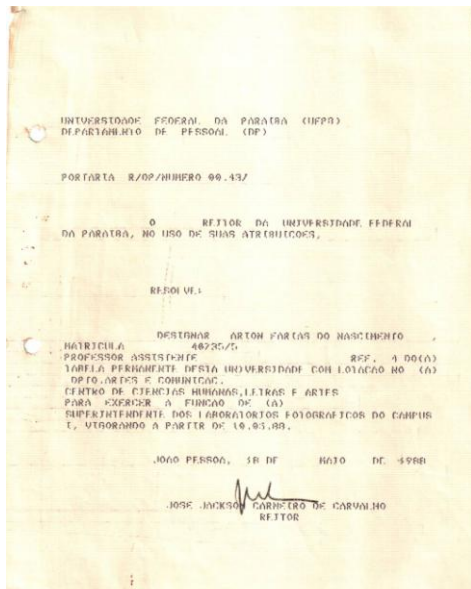
Iniciando em 1980 sua carreira no magistério superior, de início junto ao DAC e, posteriormente, nos cursos de jornalismo, relações públicas e educação artística.

Em 1985, foi convidado pela esposa do reitor professor José Jackson Carneiro de Carvalho¹⁸ e pela Coordenadora do Curso de Comunicação, na época, Maria das Graças para escrever um livro sobre a



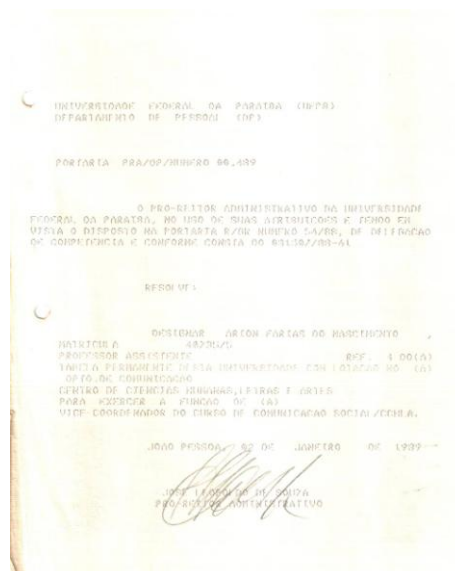
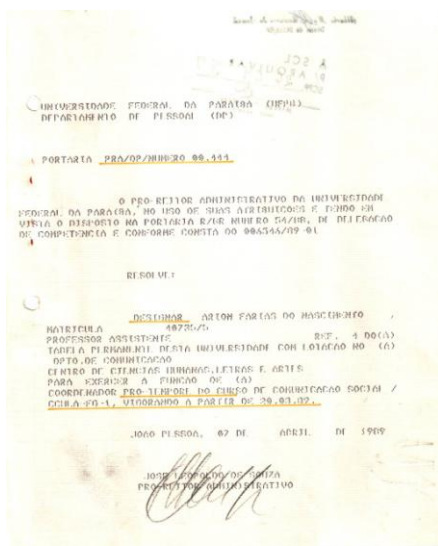
¹⁸ José Jackson Carneiro de Carvalho foi reitor da UFPB no período de 1984 a 1988. De formação religiosa culminada na Pontifícia Universidade Gregoriana, o ex-padre e, ex-secretário da Educação e Cultura da Paraíba no governo de Wilson Leite Braga chegou à reitoria após o exercício do cargo de vice-reitor da gestão anterior (Reitor Berilo Ramos Borba). Foi o primeiro dirigente escolhido através do processo de consulta aos três segmentos da chamada *Comunidade Universitária*. Texto retirado do livro citado de Cláudio José Lopes Rodrigues. Ver Rodrigues, 1997.

fotografia e o lançar na solenidade de comemoração pela passagem do 1º ano de gestão do referido reitor. Desse modo, escreveu seu primeiro livro fazendo uma análise da sociofotografia paraibana do século XIX até 1940, inserindo neste trabalho, a memória fotográfica paraibana e abordando a cultura visual do passado e outros aspectos técnicos, intitulado “Paraíba Ontem e Hoje” com 53 páginas.



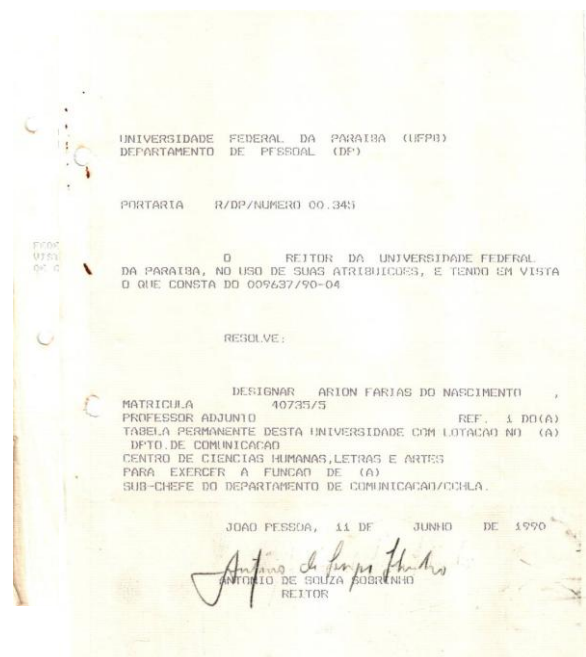
Em 1988, o reitor José Jackson assina a Portaria R/DP/Nº 437, 18/05/1988, designando Arion Farias como Superintendente dos Laboratórios Fotográficos do *Campus I* da UFPB. Em 1989, foi designado pela Portaria PRA/DP/Nº 489, 02/01/1989 para exercer a função de Vice-coordenador do Curso de Comunicação Social/CCHLA e, em 07 de abril do mesmo ano foi designado para exercer a função de Coordenador *pro tempore* do Curso de Comunicação Social/CCHLA pela Portaria

PRA/DP/Nº 444.



Apesar das subseqüentes mudanças de reitorado, Arion recebeu em maior ou menor dimensão, o reconhecimento por seu trabalho. Tanto que em 1990, o reitor Prof. Antônio de Sousa Sobrinho¹⁹ designa-o para exercer a função de Subchefe do Departamento de Comunicação do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) através da Portaria R/DP/Nº 345, 11/06/1990.

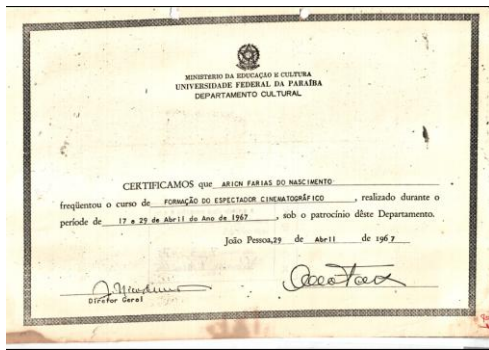
Arion Farias, durante sua vida funcional na UFPB sempre buscou estar se aperfeiçoando e se atualizando. Dessa forma, participou de vários cursos, estagiou na Folha de São Paulo, no Fotorreportagem, levado por José Nêumanne²⁰, o que lhe rendeu o privilégio de exercer várias funções na instituição citada. Alguns dos quais listamos a seguir:



¹⁹ Antônio de Sousa Sobrinho foi reitor da UFPB no período de 1988 a 1992. Graduado em Filosofia e pós-graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, chegou à Reitoria após ser diretor do CCHLA e vice-reitor. Texto retirado do livro citado de Cláudio José Lopes Rodrigues. Ver Rodrigues, 1997.

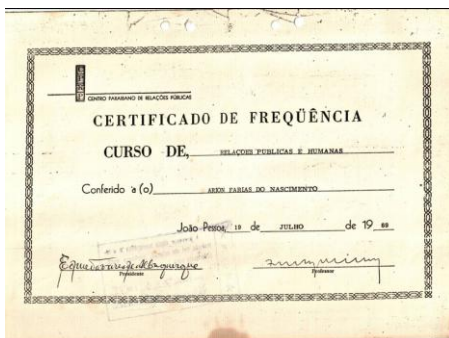
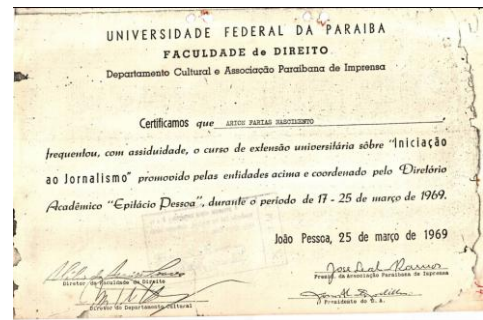
²⁰ José Nêumanne Pinto (Uiraúna/PB, 18 de maio de 1951) é jornalista, poeta e escritor. Começou sua carreira de jornalista em 1968 como crítico de cinema e repórter de polícia no Diário da Borborema de Campina Grande. Posteriormente, trabalhou no jornal Folha de São Paulo, foi secretário, chefe de redação e repórter especial da sucursal paulista do Jornal do Brasil, editor de política, de opinião e editorialista do O Estado de São Paulo e assessor político do senador José Eduardo de Andrade Vieira, ex-ministro da Indústria, do Comércio e do Turismo e da Agricultura. Foi ainda colunista na edição em espanhol do jornal *The Miami Herald*, onde escrevia um artigo semanal sobre o Brasil, e comentarista político e econômico no programa diário "Direto ao assunto", no SBT. Desde 1996 é editorialista do Jornal da Tarde, e a partir de 2000 dedica-se ao colunismo semanal do site Cineclik, especializado em cinema, e também é comentarista diário da Rádio Jovem Pan ("Direto ao assunto"), ambos de São Paulo. Integra também o Conselho Editorial do site "Trilhas Literárias". Seu bordão jornalístico é *José Nêumanne Pinto, direto ao assunto*. Informações disponíveis no site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_N%C3%A7umanne_Pinto>. Acessada em: 04 set. 2013.

Curso Teórico e Prático de Psicologia, ministrado pelo professor Omar Gondim da Escola Brasileira de Psicossíntese na cidade de Recife - 1962.



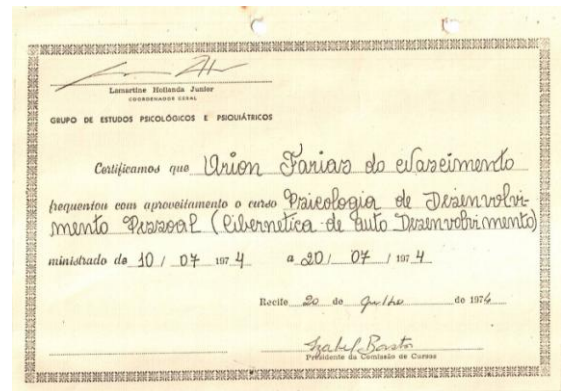
Curso de Formação de Espectador Cinematográfico, promovido pelo Departamento de Cultural da UFPB - 17 a 29 de abril de 1967.

Curso de Iniciação ao Jornalismo, promovido pela UFPB junto à Faculdade de Direito, o Departamento Cultural e a Associação Paraibana de Imprensa e, coordenado pelo Diretório Acadêmico "Epitácio Pessoa" - 17 a 25 de março de 1969.



Curso de Relações Públicas e Humanas, promovido pelo Centro Paraibano de Relações Públicas - julho de 1969.

Curso de Psicologia do Desenvolvimento Pessoal (Cibernética de Autodesenvolvimento), promovido pelo Grupo de Estudos Psicológicos e Psiquiátricos - 10 a 20 de julho 1974.



Participou do I Seminário de Psicologia e Humanização, promovido pela Fundação Padre Ibiapina - 04 a 08 de novembro de 1974.



Curso de Atualização Clínica em Psicopatologia Sexual, promovido pela Sociedade Paraibana de Estudos Psiquiátricos - 13 a 19 de outubro de 1975.

Curso de Fundamentos dos Sistemas de Microfilmagem, promovido pelo Centro Nacional de Desenvolvimento Micrográfico (CENADEM) - 15 e 16 de dezembro de 1977.



Curso Profissional de Fotografia em Cores, promovido pela Fuji Photo Film do Brasil Ltda (São Paulo) - janeiro de 1978.

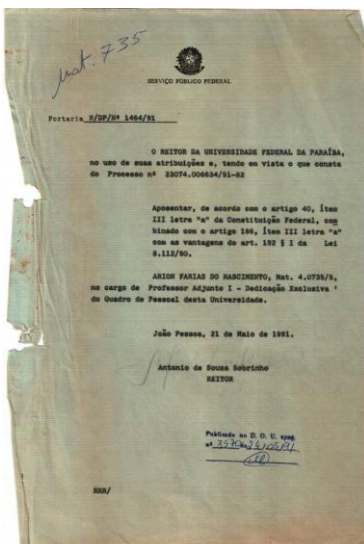
Curso de Iniciação à Microfilmagem, promovido pela Associação Brasileira de Microfilmagem e ministrado por Ernani Gurgel e coordenado pela professora Rosa Godoy - 22 a 24 de setembro de 1978.



Curso de Fotógrafo pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - 05 de fevereiro a 01 de março de 1979.

Curso de História do Sertão, promovido pela Associação Universitária de Cajazeiras nas XVI Semanas Universitárias - 14 a 28 de julho de 1979.

Participou do Treinamento para Progressão Funcional promovido pela Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento da UFPB - 30 de julho a 03 de agosto de 1979.



Depois de 25 anos de contribuição junto à UFPB, se aposenta Arion Farias, em 1991 como Professor Adjunto I - Dedicção Exclusiva de acordo com a Portaria R/DP/Nº 1464/91, 21/05/1991.

Após se aposentar pela UFPB, Arion Farias, deu continuidade aos seus trabalhos fotográficos e à docência, trabalhando como assessor da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC) e ensinando por dois anos no Instituto de Educação Superior da Paraíba (IESP) a disciplina Fotografia.

Como assessor da FUNESC, ele também contribuiu como fotógrafo da mesma, posto este que lhe rendeu o convite, em 2003, para ajudar com a organização das fotografias do Arquivo Histórico Waldemar Duarte. Neste mesmo ano, também, foi convidado pelo presidente da Assembleia Legislativa, na época o deputado Rômulo Gouveia, para participar da instalação do Memorial da Casa de Epitácio Pessoa, trabalho este que foi realizado sob a coordenação do Departamento de Documentação e Informação da Assembleia (Dedinf). Com o convite aceito, Arion Farias, deu uma inestimável contribuição para a instalação do mesmo.

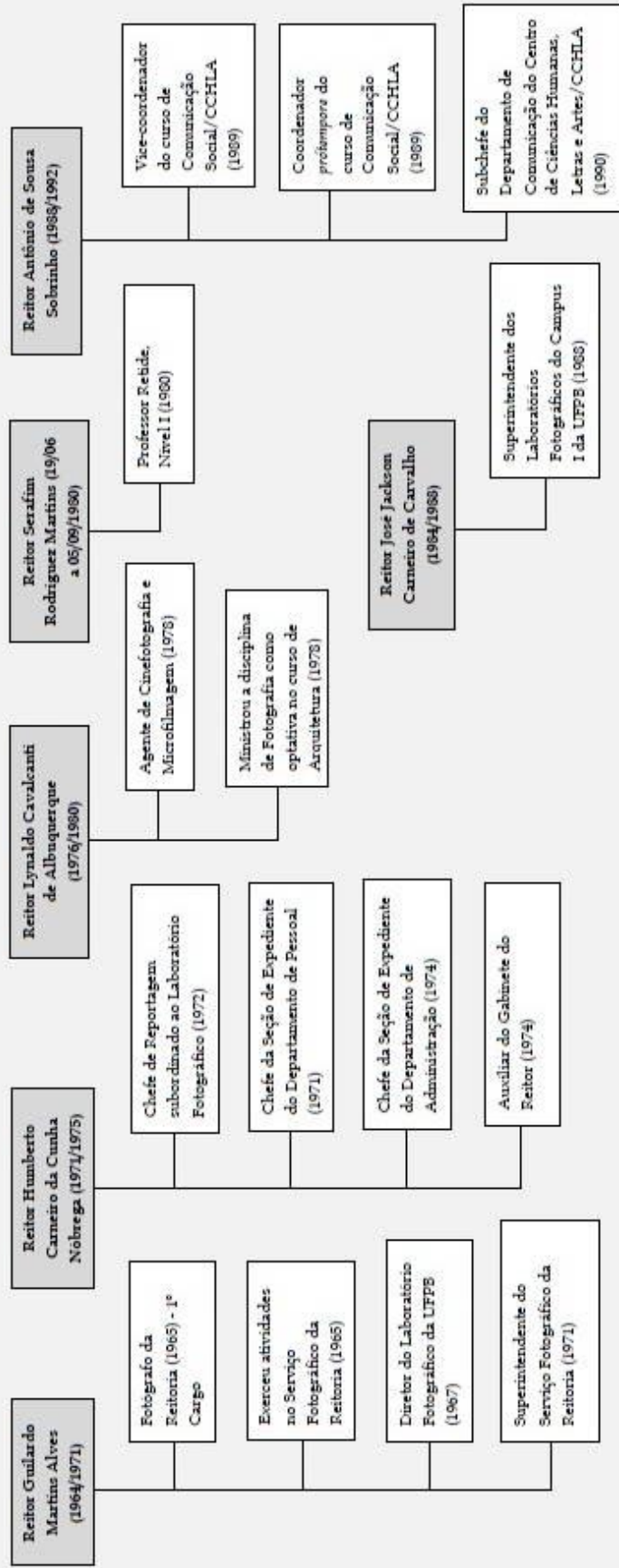
Em 2009, passou a ser diretor do Arquivo Histórico Waldemar Duarte, permanecendo até dezembro de 2010, precisando se ausentar por motivo de doença,

tendo sido acometido de um Acidente Vascular Cerebral (AVC) uma semana antes do Natal, se aposentando pela fundação em março de 2011.

Arion Farias foi o fundador da Associação dos Fotógrafos Profissionais da Paraíba, sendo o primeiro presidente e foi reeleito por três vezes. Ocupa cadeira nº 19 da Academia Paraibana de Cinema, cujo patrono é Damásio Franca. Está sempre sendo convidado pela Associação das Empresas de Transportes Coletivos Urbanos de João Pessoa (AETC-JP) para participar da comissão de julgamento do prêmio AETC-JP de Jornalismo. É presbítero consagrado da Igreja Batista Regular Filadelfia, ocupa o cargo de vice-presidente e participa de projetos beneficentes em prol da sociedade, de modo que já construiu 20 casas populares na cidade de Lucena, Ilha do Carmo, em conjunto com a prefeitura local e também realiza campanhas sociais com distribuição de feiras básicas. Como disse Raissa Lacerda, em seu discurso na sessão solene de outorga de Título de Cidadão Pessoaense, ao professor Arion Farias (2011):

O presbítero é um *episcopos*, isto é, um supervisor do rebanho de Deus. Ele tem a responsabilidade de supervisionar interna e externamente a comunidade que está sob os seus cuidados. A sua supervisão tem uma natureza interna porque ele precisa olhar entre as ovelhas como elas estão, e como se comportam, e se estão saudáveis espiritual, moral e doutrinariamente.

Diagrama das funções exercidas por Arion Farias na UFPB por Reitorado



Produção: Souza, Virllane.

3.1 O FOTÓGRAFO

Durval Ferreira, em 2011, na sessão solene de outorga de Título de Cidadão Pessoaense ao professor Arion Farias, fez a seguinte citação: “são fotógrafos artistas que observam o mundo num retângulo mágico onde a alma sensível enquadra a beleza mais singela do dia a dia. Fotografia é a arte de desenhar com a luz”. Concluindo assim que o homenageado “uniu essas duas habilidades para registrar com maestria o nosso passado e contribuir com o conhecimento das nossas gerações futuras”.

No entanto, Arion Farias iniciou suas atividades como fotógrafo muito jovem e sempre buscou se aperfeiçoar na área, conseqüentemente teve sua fama de fotógrafo fortalecida a partir dos rádios e jornais, tendo assim seu nome divulgado como a autoria das fotografias publicadas nos fotojornais, deixando assim, sua marca por onde passava. Relatando:

[...] eu era profissional muito ativo assim quando tinha a 1ª Comunhão, festa de 1ª Comunhão nas igrejas eu sempre batia o recorde, porque eu era ágil, eu era mais, eu muito ativo assim, e conhecido, envolvente, e sempre fui assim criativo, comunicativo, tal, e então, por exemplo, eu ia fotografar a 1ª Comunhão, o menino de gravata com a vela na mão, e tal, tinha aquela coisa, ficava uma fila assim de pais, me escolhiam, eu como jovem e os grandes fotógrafos lá de lado esperando um aqui ou outro e eu batia o recorde com eles.

Ele ainda relata que:

Antigamente o fotógrafo era solicitado não pela sua capacidade artística, mas pela sua agilidade. Ser rápido na troca das lâmpadas de flash e na preparação da câmera: colocar o chassi na máquina, focar, armar o obturador e pegar a lâmpada no bolso do paletó. Todo fotógrafo andava de paletó e gravata. O fotógrafo para ser bom tinha que tirar a lâmpada do bolso e lamber o bocal, um ato normal. Não era considerado anti-higiênico. Era visto como uma habilidade técnica para melhorar o contato da lâmpada com a base do flash, senão ele falhava. Quando o flash espocava havia uma combustão, a lâmpada ficava quente e não se podia pegar facilmente para colocar no chão; a gente desenroscava com dificuldade e jogava para cima. Ela fazia uma trajetória de mais ou menos dois metros e caía com aquele barulho. Era normal fazer isso em plena cerimônia. Ela não se espatifava porque tinha uma camada de mica plástica, só fazia o barulho. Ficava como um vidro de automóvel quando quebra. Com umas 5 lâmpadas no bolso, eu ficava parecendo que era gordo. Tinha-se que repetir rapidamente toda a operação para fazer a foto seguinte. (DICIONÁRIO DAS ARTES VISUAIS NA PARAÍBA, 2010).

Então, com todas estas características, ele se fez presente, acompanhando e trabalhando para personagens ilustres, como: Francisco de Assis Chateaubriand

Bandeira de Mello, mais conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô, visto que nas poucas vezes que ele esteve na Paraíba, Arion Farias foi o fotógrafo que o acompanhou usando *flash* de lâmpadas (*photoflash*), relatando em um de suas crônicas que:

[...] o acompanhou para dar cobertura no combate à praga de gafanhotos por ele [Assis Chateaubriand] patrocinado, que assolava a interior do estado. O velho Chatô contratou um piloto francês experimentado em voos rasantes com aeronave pulverizadora e combateu a praga. Ele [Assis Chateaubriand] sempre usava terno completo e nesta campanha ele trouxe consigo o consagrado fotógrafo José Medeiros de O Cruzeiro [grande fotógrafo da revista Cruzeiro] e apresentou-me ‘esse é José Medeiros um homem viajado’ [*converse com ele*] o qual já com uma *Rolleiflex* [famosa linha de câmeras fotográficas alemãs] e este fotógrafo [Arion Farias] com uma câmera de fole 6X9 com filme rolo, o que serviu de galhofa. (NASCIMENTO, s.d.).

Sendo assim, quando Assis Chateaubriand veio novamente à Paraíba, desta vez para a campanha de distribuição de aviões aos Aeroclubes, trouxe consigo o fotógrafo Ed Keef, e Arion Farias mais uma vez o acompanhou, sendo presenteado pelo referido, com uma câmera *Crown Graflex*, 4X5 de fabricação USA, dizendo à frente de seus assessores: “Olha a máquina do menino”. Acompanhando-o também, já como Embaixador do Brasil, juntamente com a Duquesa de Rochefoucauld, na inauguração da praça central em Bayeux que receberá o nome da referida.



Fotografia 5 - Câmera *Crown Graflex*, 4X5 (Presente de Assis Chateaubriand a Arion Farias)
 Fonte: Acervo Privado Pessoal Arion Farias
 Foto: Arion Farias

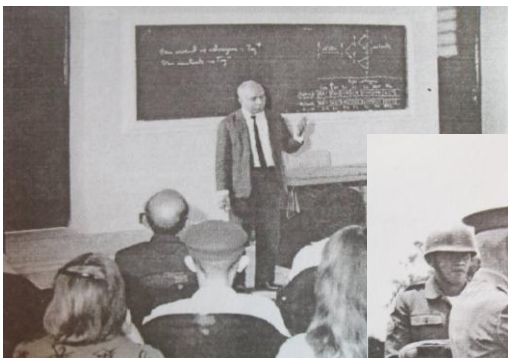
Arion Farias também trabalhou para o Foto Stukert, cujo proprietário era Gilberto Stukert, que na década de 1950 foi contratado pelo serviço fotográfico da posse do prefeito de Caiçara, Severino Ismael, pois os fotógrafos do interior

paraibano nesta época se limitavam apenas a fotografias de estúdio, postal e foto 3X4 para documentos. Desta maneira, quando havia eventos importantes, eram contratados fotógrafos da capital. De modo que, o Foto Stukert solicitou Arion Farias para a realização deste trabalho, dando-lhe uma máquina *Speed-Graphy* 9X12 e 50 lâmpadas de *flash* GE-11.

Como fotógrafo dos jornais, Arion Farias deu grande cobertura na Liga Camponesa, relatando ter escapado várias vezes de morrer. Como fotógrafo do gabinete do reitor e chefe do laboratório fotográfico da UFPB, teve a oportunidade de fotografar ao lado do fotógrafo Hudson Azevedo, o cotidiano e a expansão institucional,

[...] *clicando* os mais variados eventos da Universidade. Conferências, aposições de retrato, saudações, homenagens, visitas, refeições de grau, embarques reitorais para o exterior, chegadas reitorais d' *oropa*, *França e Bahia*, edificações de campi, discursos patrióticos, reuniões cívico-acadêmico-gastronômicas...

Embora não dominasse as técnicas de arquivamento, Arion Farias ia guardando, com muito zelo, num trabalho de formiga, as fotos e os negativos em envelopes onde anotava a data e o assunto. Ao longo do tempo, formou um acervo sobre a memória fotográfica da instituição, guardando-o cuidadosamente numa estante do setor onde estava lotado desde 1980, quando passou a docente. (RODRIGUES, 1997, p. 08).

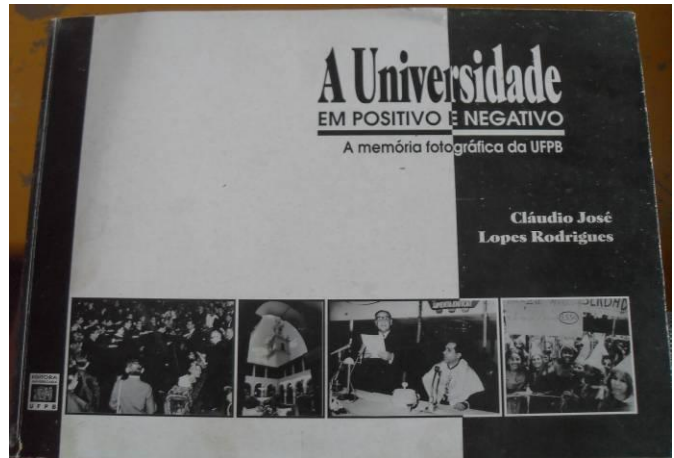


Fotografias 6, 7, 8 - Pequena amostra iconográfica das fotografias de Arion Farias tiradas ao lado do fotógrafo Hudson Azevedo.

Fonte: Livro "A Universidade em positivo e negativo - A memória fotográfica da UFPB". Ver Rodrigues, 1997.

No entanto, todo este seu trabalho fora jogado literalmente na “lata de lixo”, considerando que, alguns tempos após sua aposentadoria, Arion Farias recebeu parte destas fotos e negativos e foi comunicado do ingrato fim do seu acervo, uma vez que o chefe do setor determinou que limpasse a estante onde se encontrava o material para ocupá-la com coisas úteis. Parando, assim, todo este material na lata do lixo. Todavia, o que sobrara do acervo foi recolhido da lata do lixo pelo professor Dinarte Varela do Curso de Comunicação Social, ficando o mesmo indignado com o abandono e o lastimável e imperdoável desleixo para com essas fotos e negativos.

Desse modo, o material recuperado teve dois destinos: uma parte ficou sob a guarda de Arion Farias e a outra foi para o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR). (RODRIGUES, 1997, p. 08-09). Sendo assim publicado em 1997 o livro “A Universidade em Positivo e Negativo - A memória fotográfica da UFPB” de Cláudio José Lopes Rodrigues, com 800 fotografias, no qual apenas duas dessas fotografias não fazem parte deste trabalho realizado por Arion Farias, como afirmou o referido autor das fotografias.



Com uma obra esplendorosa, Arion Farias fez algumas participações artísticas; algumas das quais citamos a seguir:

Capa dos discos “Piano Brasileiro a 4 Mãos - Duo Kaplan-Parente da UFPB” e “Viva a Nau Catarineta!”, cujas fotos foram selecionadas dentro de um programa visual em fotografias, sendo escolhidas pela gravadora Marcos Pereira sediada no sul do país.



Capa dos livros “Arte Colonial da Paraíba” de Humberto Nóbrega, “História da Fortaleza de Santa Catarina”, “Retinoblastoma” de Ely Chaves e “Meu depoimento sobre o Padre Zé”, de Humberto Nóbrega; Discursos de João Medeiros - Editora UFPB, cuja capa do primeiro livro citado é resultado de um processo físico de laboratório somente alcançado por uma dezena no Brasil, por Leopoldo Fischer e Wile Renole, na Áustria e Romênia, respectivamente.



Em razão de sua reconhecida competência fotográfica, Arion Farias foi se tornando, naturalmente, um dos mais significativos símbolos da arte de fotografar no estado da Paraíba. Ele aliou ao seu trabalho, técnica e conteúdo, especializando-se como poucos na história da fotografia. Esse reconhecimento rendeu-lhe a participação no documentário “Álbuns da Memória: a fotografia na Paraíba”, um vídeo de 14 minutos que foi lançado em 2000, sob a direção de Elisa Cabral e roteiro de Bertrand Lira. O mesmo conta 100 anos da história da fotografia na Paraíba e ganhou seis prêmios em Festival de Cinema e Vídeo do Maranhão.



Fotografias 9, 10, 11 - Pequena amostra iconográfica de Arion Farias participando da gravação do documentário.

Fonte: Curta-metragem “Álbuns da Memória: A fotografia na Paraíba” de Elisa Cabral.

Extração: Souza, Virllane

3.2 O PROFESSOR

Arion Farias iniciou suas atividades como professor ministrando cursos de fotografia, alguns dos quais relacionamos a seguir:

Curso de Fotografia para os docentes da Faculdade de Odontologia/UFPB - 15/06 a 15/07/1972.

Curso de Fotografias Médicas, para o corpo médico do Centro de Estudos “Aquiles Leal” do Hospital de Pronto-Socorro Municipal - 18/07 a 03/08/1973.

I Curso de Fotografia no Museu da Imagem e do Som - abril de 1975.

Curso de Técnica Fotográfica para Profissionais no Museu da Imagem e do Som - julho de 1976.

II Curso de Fotografia para Amadores no Museu da Imagem e do Som - 1976.

Curso de Fotografia para Amadores em Pombal pelo Museu da Imagem e do Som - janeiro de 1978.

Curso de Fotografia para Agentes da Polícia Federal pela UFPB.

Curso de Fotografia para Associação Universitária de Cajazeiras/UFPB - julho de 1978.

Cursos de Fotografias no Centro de Formação Profissional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC/PB) em nível de qualificação, com carga horária de 400 horas/aula, que de acordo com uma declaração desta instituição, o mesmo demonstrou eficiência, zelo e um bom desempenho didático, e ainda promoveu uma exposição fotográfica dos trabalhos realizados e orientou na confecção e seleção de trabalhos a serem publicados na revista “Comércio e Mercados”, revista essa editada pelo SENAC e de circulação nacional - 1978.

Segundo seu relato, toda esta experiência lhe rendeu um aprendizado e suporte altíssimo quando iniciou sua vida de docente na UFPB.

Como professor da UFPB teve a oportunidade de lecionar as seguintes disciplinas:

Fotografia - 2 horas semanais;

Fotojornalismo - 4 e 5 horas semanais;

Oficina Básica do Fotocine - 4 horas semanais; e

Laboratório de Comunicação Dirigida - 4 e 5 horas semanais.

Suas aulas eram programadas com apoio visual. Usava de muita metáfora e as enchia de lirismo e semiótica, as quais eram aguardadas com entusiasmo. Sua passagem pelos corredores era intercalada de acenos e cumprimentos de seus alunos e ex-alunos, tornando-se assim um professor muito solicitado. (RECORTE DE JORNAL QUE CIRCULOU NA CIDADE, 1983).

3.3 O HISTORIADOR DE IMAGENS

Na sessão solene de outorga de Título de Cidadão Pessoaense ao professor Arion Farias, Raissa Lacerda (2011), disse:

Historiadores são profissionais que reúnem documentos e dados, situam os fatos em seu contexto, reconstroem, interpretam e analisam o passado de indivíduos, grupos e movimentos sociais, inteligência, as quais a mesma atividade humana exerce alguma influência, em resumo, o homem não pode agir ao seu bel prazer, tem que agir em respeito aos outros.

Santos (2010, p. 93) afirma que Arion Farias “é um historiador benemérito”.

E o entrevistado, Heitor Cabral, disse:

Arion é tão importante na história visual da Paraíba, que eu não sei quem foi o maior, se foi ele ou se foi Walfredo Rodrigues. [...] Walfredo Rodrigues era famosíssimo, ele passou os primeiros cinco anos do século XX, dedicado a isso [as fotografias]. Ele era fotógrafo, vivia da fotografia, mas a alma dele mesmo estava na cidade. Ele fotografou tudo que era importante na cidade de João Pessoa. Walfredo Rodrigues morreu em 1948, 1949, aí poucos anos depois surgiu o sucessor dele Arion Farias. Arion tem uma vantagem, porque Walfredo se preocupava com a estética, só fotografava o que era bonito. Arion entrou em outra seara; Arion fotografou o que era interessante. [...] A pesquisa de Arion foi temática e, a de Walfredo Rodrigues foi puramente artística. Pra Arion, a arte era importante, mas mais importante era fato. Um historiador de imagem, ele fez a história da Paraíba no século XX com uma máquina fotográfica.

Sendo assim, Arion Farias, pôde receber o título de historiador de imagem, pois dedicou anos de sua vida à história da fotografia da Paraíba e da cidade de João Pessoa, pois se dedicou especificamente às ruas da capital, uma vez que o referido costuma dizer: “os nomes de nossas ruas falam a nossa história, e um país se mede pela sua história”.

Marion também relata: *“Painho sempre foi apaixonado pela cidade de João Pessoa e seu interesse pela fotografia foi tão grande que ele como não tinha mais nada a aprender sobre fotografia ele começou a estudar a história da Paraíba”*.

Posto este alcançado através de muitos estudos e viagens que o fizeram adquirir todo conhecimento que tem hoje. Relatando emocionado que juntava alguns “trocados” e ia de caminhão ao Rio de Janeiro, quando não encontrava o livro que desejava ler, para pesquisar e estudar na Biblioteca Nacional e nos sebos da cidade sobre a História da Paraíba.

3.4 O CRONISTA E SUAS PUBLICAÇÕES

Arion Farias não difere dos demais cronistas: buscou através da forma textual narrar fatos que aconteceram e aconteciam no cotidiano, abusando da crônica histórica. Por ter atuado muitos anos como fotojornalista, vivenciado muitos fatos históricos e ter se dedicado durante anos aos estudos da História da Paraíba e da cidade de João Pessoa, presenteou assim, por algumas décadas, a sociedade pessoense e as pessoas que tiveram acesso aos jornais O NORTE e Correio da Paraíba com suas inúmeras crônicas publicadas aos sábados e domingos.

Como disse Santos (2010, p.94):

O professor Arion Farias nos presenteia com seu relato de maneira acessível e bem humorada. São fatos até então desconhecidos do público em geral. Instituições políticas e sociais que marcaram época, algumas ainda proeminentes. Personagens relevantes que resultaram em nomes de ruas. Usos e costumes obsoletos e que representaram, mediante nossas regras sociais, elementos formadores da cultura paraibana. Não alçamos voo, sem antes sentirmo-nos um pouco nostálgicos. É vida. É sentimento. É a História da Paraíba recontada, interpretada por este bravo historiador que nos dignifica com sua obra.

Foram, então, oitocentas crônicas publicadas na coluna “João Pessoa Ontem” que, de acordo com o tema abordado, se enquadrava nos seguintes lemas: História, RESGATE, RESGATE Reescrevendo a História, RESGATE Reconstituindo a História, RESGATE Recordando o Passado, Preservação da História, Personalidades Ilustres,

Tipos Populares, João Pessoa Ontem e Hoje e Paraíba Ontem. Relacionamos a seguir alguns títulos destas crônicas:

As quatro fases do Ponto de Cem Réis;

Abertura da Av. Epitácio;

1923 - O Túnel da Lagoa do Parque Solon de Lucena;

Por que Cabo Branco?;

1938 - Abertura da Avenida Getúlio Vargas;

1940 - Hábitos e costumes familiares: fogão à lenha, carvão e... geladeira;

1585 - Rua Nova, atual General Osório, a primeira rua e a mais importante;

Praça Álvaro Machado, Frei Damião - Histórico;

1858 - Colégio Nossa Senhora das Neves e suas três fases, fechou em 2002;

Ponto de Cem Réis, "ontem" Praça de Carros de aluguel;

História do Automóvel e o 1º na Paraíba;

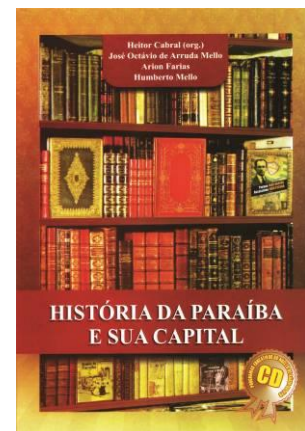
O clã dos Stuckert e seus remanescentes;

A primeira imagem da TV paraibana: Uma promoção de Assis Chateaubriand;

"Ponto de Cem Réis" ou Praça Vidal de Negreiros - Quem foi este 'espírito guerreiro e aventureiro'?; e

O cinquentenário da UFPB, os vultos esquecidos e a verdade sobre a doação do terreno do *Campus*.

Rendendo-lhe a publicação de algumas destas crônicas no livro "História da Paraíba e sua Capital", juntamente com Heitor Cabral, José Octávio de Arruda Mello e Humberto Mello, em 2010. E, também, a utilização destas crônicas como material didático em salas de aula.



3.5 O COLECIONISMO DE ARION FARIAS

O ato de colecionar é uma prática muito antiga, reportada através da história das coleções, “em que o homem recolhe e cuida de determinados tipos de objetos, tornando-se possível, reconstruir o percurso das pessoas [e lugares] através desses”. (PEDROCHI, 2007, p. 19). Afirmando Suano (*apud* PEDROCHI, 2007, p. 24), “que recolher objetos aqui e ali é como recolher pedaços do mundo que se quer compreender ou dominar”.

Funcionando as coleções como um “retrato da realidade e da história de partes do mundo, cedendo características dos contextos em que foram formadas e da sociedade que as coletaram e transformaram em coleção”. (SUANO, 1986, p.12 *apud* PEDROCHI, 2007, p. 25).

Desse modo, há mais de cinco décadas, Arion Farias vem colecionando fotografias, máquinas e equipamentos fotográficos, relatando:

[...] comecei, na verdade, coletando e colecionando câmeras fotográficas. Porque eu me preocupava com o desenvolvimento tecnológico, levando-se em conta a sociedade de consumo. Por isso, comecei a coletar, pedir e comprar câmeras fotográficas, e utilizava muitas delas como material ilustrativo nas minhas aulas na UFPB. Depois, eu passei a fotografar e adquirir imagens do passado. (Entrevista concedida ao jornalista Jorge Rezende para a revista A SEMANA, 2003).

E, como *hobby*, ele também coleciona peças preservadas de animais e vegetais em resina sintética, resultado de um projeto experimental para fins didáticos. Técnica essa que substitui o formol ou álcool na preservação de espécies utilizadas para fins de ensino nas aulas de Biologia e exposições. Sendo na época, um trabalho inédito na Paraíba e que foi solicitado por estabelecimentos educacionais que desenvolviam atividades de laboratório na grade curricular. Possuindo 50 peças, em diversos formatos, como: retangular, redonda, quadrada, hexagonal e de diversas espécies animal e vegetal, por exemplo: quirópteros - família de morcegos, insetívoro - animais que se alimentam de insetos, lepidópteros - classe de insetos, aracnídeos - aranhas, répteis, frutos e néctar. (RECORTE DE JORNAL QUE CIRCULOU NA CIDADE, s.d.).



Fotografia 12 - Animais preservados em resina colecionados por Arion Farias
Fonte: Acervo Privado Pessoal Arion Farias

3.6 O EDUCADOR SOCIÓLOGO

Mesmo após sua aposentadoria como professor, Arion Farias, com seu altíssimo conhecimento sobre a história da fotografia e da Paraíba, passa a ser um requisitado porta-voz destas, proferindo palestras, concedendo entrevistas frequentemente a todos os órgãos de comunicação do Estado, fazendo exposições fotográficas e escrevendo artigos jornalísticos, fazendo assim, sua parte de educador sociólogo para a sociedade paraibana.

Suas palestras sempre abordam o tema “A história da imagem fotográfica”, fazendo uma retrospectiva desde os séculos antes de Cristo até os dias atuais. Palestras essas com muitas ilustrações e brincadeiras, quebrando assim, a monotonia e tornando-as divertidas, sempre presenteando os ouvintes com uma pequena exposição com seus equipamentos fotográficos.



Fotografias 13, 14 - Arion Farias palestrando para a turma do Curso de Arquivologia da UFPB, na disciplina de Representação Descritiva da Informação Arquivística, ministrada pela Profª Bernardina no dia 21/08/2013.

Foto: Bernardina Freire, Virllane Alinne respectivamente.

Suas exposições são feitas com suas fotografias, equipamentos e máquinas fotográficas, pertencentes ao seu acervo privado pessoal, exposições feitas em escolas, faculdades e, quando funcionário da FUNESC e chefe do Arquivo Histórico da Waldemar Duarte, no Mezanino I do Espaço Cultural.



Fotografia 15 - Exposição das fotografias e equipamentos fotográficos de Arion Farias aberta ao público, realizada no Mezanino I do Espaço Cultural, [20?].

Fonte: Acervo Privado Pessoal Arion Farias

Suas entrevistas também retratam um pouco da história das fotografias. No entanto, o enfoque maior são as fotografias antigas da Paraíba e sua capital, contando assim, a história paraibana a partir dessas. Arion Farias já concedeu oitenta e sete entrevistas.



Fotografia 16 - Arion Farias sendo entrevistado por Napoleão de Castro e Cláudia Carvalho, no dia Internacional da Fotografia, 19 de agosto, nos estúdios da rádio 101 FM, em João Pessoa, Paraíba.

Ano: 2009.

Fonte: <http://www.youtube.com>



Fotografia 17 - Arion Farias sendo entrevistado pela TV Câmara

Ano: 2012.

Fonte: <http://www.youtube.com>

Seus artigos jornalísticos, a grande maioria, eram escritos como um meio de não deixar "passar em branco" o Dia Internacional do Fotógrafo, 19 de agosto. No entanto, eles também eram publicados na "Edição Histórica" do jornal O NORTE, trazendo assim aos meios de comunicação, a memória fotográfica.

Edição Histórica
Jólio Pexego, 5 de agosto de 1985

A memória fotográfica paraibana

por Arion Farias

A cidade de João Pessoa sempre foi um centro de boas fotografias, desde as primeiras "âmbulas" fotográficas industriais e gerencialmente em 1870, até o início da década de 30 e do início do século XX, com a chegada do novo tipo de foto de câmara escura, até o advento da fotografia de câmara escura, passando pela época de câmara escura com obturador, passando pela época de câmara escura com obturador, passando pela época de câmara escura com obturador...



Como nossas avós se deixavam fotografar

Diante de um atelier fotográfico do século passado, que utilizava luz natural, controlada por cortinas em madeira, além de relógios de luz...



Num motivo bem paraibano, a fragmentação da arte pela arte, minuciosas provocadas por tinta nascom sobre um vidro, superpostos a impressão (Fotograma Arion Farias)



Arion Farias é professor de Fotografia no curso de Comunicação e no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. É autor de livros e artigos sobre fotografia. Foi diretor do Museu de Arte Moderna de Pernambuco, em seu tempo no Museu de Arte Moderna de Pernambuco. Foi diretor do Museu de Arte Moderna de Pernambuco, em seu tempo no Museu de Arte Moderna de Pernambuco. Foi diretor do Museu de Arte Moderna de Pernambuco, em seu tempo no Museu de Arte Moderna de Pernambuco.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.



OS ARTISTAS

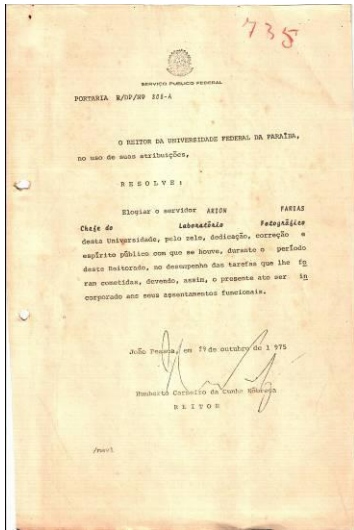
Mas os artistas, que estavam por trás das fotografias, tinham compreensão de suas próprias obras. Como ponto de partida, obtiveram a obra de 1900, quando começaram a ser produzidas as fotografias de câmara escura. Foi o início de uma nova era na arte, marcada pela produção de obras de arte de câmara escura.

Ilustração 1 - Jornal O NORTE de 05 de agosto de 1985 - Artigo de Arion Farias publicado na "Edição Histórica". Fonte: Acervo Privado Pessoal Arion Farias

3.7 HONRARIAS RECEBIDAS

Pelos seus préstimos, Arion Farias foi condecorado com títulos honoríficos, alguns dos quais enumeramos a seguir:

Título do colaborador pela contribuição emprestada à finalidade artístico-cultural do Museu da Imagem e do Som com a doação de fotografias para o acervo de sua Secção de Arte Fotográfica - 06 de março de 1968.



Foi honrado pela Portaria R/DP/Nº 808-A que o elogiava pelo zelo, dedicação, correção e espírito público com que se houve no desempenho das tarefas que lhe foram confiadas como Chefe do Laboratório Fotográfico da UFPB - 29 de outubro de 1975.

Recebeu da Associação dos Fotógrafos Profissionais da Paraíba, o Diploma de reconhecimento à categoria de Professor de Arte Fotográfica - 07 de dezembro de 1975.



Recebeu da II Convenção Distrital L. 25, o Diploma de Menção Honrosa pela sua destacada participação na Comissão Social e Artística - 02 de maio de 1976.

Foi homenageado como: Talentos que fazem a Paraíba, recebendo o Troféu Heitor Falcão – 2006.



Recebeu da Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo, seção Paraíba, o Prêmio ABRAJET-PB Melhores do Ano 2006.

Em reconhecimento ao trabalho de fotógrafos e fotógrafas que, ao longo do tempo deixaram suas contribuições para o fortalecimento da fotografia paraibana, recebeu juntamente com mais 69 fotógrafos, o Troféu Lambe-Lambe, que dentre esses fotógrafos, também estava seu pai, o fotógrafo Ariel Farias – 2009.

Recebeu do Rotary Clube João Pessoa Tambaú, o Certificado da palestra que proferiu sobre o Desenvolvimento Urbano de João Pessoa - 14 de maio de 2010.



Título de Cidadão Pessoaense - Decreto Legislativo nº 484, de 09 de novembro de 2011.

Recebeu o Diploma - Amigo da 23ª Circunscrição de Serviço Militar, por ter colaborado com a organização do Museu da 23ª CSM - 09 de março de 2012.

Comenda Placa do Poder Legislativo do Estado da Paraíba pela sua grande contribuição à implantação do Memorial do mesmo - 2011.



Também foi congratulado em 14 de maio de 2013 pelo Centro Cultural da Câmara Municipal de João Pessoa, com o certificado de exposições que realizou com seu material fotográfico no referido espaço.



**4 ACERVO PRIVADO PESSOAL DE ARION FARIAS: : um acervo muito além
das fotografias**

4 ACERVO PRIVADO PESSOAL DE ARION FARIAS: um acervo muito além das fotografias

Ao guardarmos as lembranças - de fatos, acontecimentos, vivências, em imagens ou em textos - formamos com esse repositório um arquivo pessoal, seja de fotos, seja de recortes, manuscritos, livros e audiovisuais, uma certeza: a consciência de que depois esse acervo irá servir para construir a nossa história [e a quem temos o desejo de preservar, seja pessoa, lugar ou objeto].

(Claudius Portugal - Um tempo para lembrar. Um tempo para esquecer.)

Arion Farias, sempre se preocupou em resgatar, guardar e, de certo modo, preservar a memória paraibana, ora por meio de fotografias ora por outros objetos. No campo fotográfico, dedicou mais de cinco décadas de sua vida à história da Paraíba e ao acompanhamento do desenvolvimento tecnológico das câmeras fotográficas, passando assim, a colecionar fotografias da Paraíba, uma vez que durante esse período acompanhou a evolução da cidade, se preocupando em documentar e preservar a sua história, o seu casario, as suas paisagens, as suas ruas, praças e avenidas. E também máquinas e equipamentos fotográficos antigos, que ilustrassem e preservassem sua evolução tecnológica, afeição esta despertada pelos seus trabalhos de fotógrafo realizados para Dr. Humberto Nóbrega. Relatando: *“Eu pesquisava pra ele [Dr. Humberto Nóbrega], dava pra ele e ficava com uma parte, e aquilo ficou, me incorporou em mim essa vontade, essa coisa, esse cuidado, esse interesse, vem de dentro de mim mesmo esta vontade, né?”*.

Sua filha, Marion, ao ser questionada sobre o acervo privado pessoal do seu pai, disse o seguinte: *“Ele hoje mantém em seu poder muitas fotografias e máquinas antigas, fruto de anos de trabalho, dedicação, prazer e curiosidade.”*.

Desse modo, observa-se que, graças ao seu trabalho de fotógrafo, Arion Farias despertou a vontade de guardar e colecionar materiais de valor histórico, resultando

hoje em um acervo que vai muito além de suas fotografias e equipamentos fotográficos: um acervo que guarda e conta a história paraibana e a evolução fotográfica, nos permitindo assim fazer uma viagem no tempo.

4.1 A COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS

Desde muito jovem, Arion Farias se afeiçoava a observar as paisagens da capital e dos interiores do estado paraibano e, como sempre estava de máquina em punho, pôs-se a revelar a paixão pelo tema, registrando assim, cada lugar, acontecimento, costume, pessoa ilustre, etc., não deixando passar nada despercebido. Era ele um fotógrafo que não se apegava à beleza das coisas e, sim, ao valor histórico, à mensagem que no futuro, aquela fotografia iria transmitir às pessoas que não viveram à sua época.

Luiz Augusto Crispim, em um texto escrito para Arion Farias faz a seguinte afirmativa:

O acervo fotográfico **Parahyba, Ontem** que Arion está publicando neste alvorecer de milênio é uma espécie de tocata da vida em estado de perpétua fuga. Uma Paraíba em sépia e branco, resistindo ao tempo. As imagens desmaiando aos poucos, com vontade de ficar.

Arion Farias possui sob sua guarda 14 mil fotografias, a grande maioria da Paraíba antiga. Sua paixão pela história paraibana fez com que buscasse por fotografias que a retratassem até mesmo na época que ainda não era nem nascido, a exemplo das fotografias do túnel da Lagoa do Parque Solon de Lucena, construído em 1923 com a finalidade de escoar as águas fluviais drenadas da Lagoa e transferidas via túnel por gravidade, em demanda à maré do Rio Sanhauá, através do Ponto de Cem Réis, seguindo a Praça Aristides Lobo em direção à cidade baixa. Durante sua construção, aos sábados e domingos, o túnel servia de passeio turístico pelos seus 300 metros, fazendo o “corso”²¹ de rapazes e moças. Informação cedida por Arion Farias. Esta fotografia é procurada há 40 anos, tornando-se a fotografia que

²¹ Cortejo.

faz os olhos de Arion Farias brilharem. De todas as fotografias, para ele, a mais importante de seu acervo.



Uma pequena amostragem iconográfica do que encontramos na coleção de fotografias do fotógrafo Arion Farias.



Fotografia da construção da Avenida Epietácio Pessoa em 1920.

Fotografia da Praça Vidal de Negreiros - O Ponto de Cem Réis em 1936.





Fotografia da Avenida Getúlio Vargas e a Lagoa em 1938.

Praia de Tambaú nos anos 50, casas de pescadores e de veranistas que a ocuparam.



Fotografia do primeiro edifício “aranha-céu” da capital paraibana, O Edifício João Pessoa, que acabou ficando conhecido como “18 andares”, anos 50.

Fotografia da Lagoa do Parque Solon de Lucena, um dos principais cartões postais da capital paraibana, 1950.





Fotografia da falésia do Cabo Branco em 1950.

Fotografia aérea mostrando o Hotel Tropical Tambaú, o primeiro hotel de luxo da orla de João Pessoa, construído nas areias da praia de Tambaú em 1970.



Arion Farias também guarda em sua coleção, fotografias pessoais, como por exemplo, as fotografias resultantes de suas exposições, ou mesmo de sua atuação profissional, tais como fotografias das muitas palestras que realizou no Arquivo Histórico Waldemar Duarte, Espaço Cultural para estudantes de escolas públicas.

Ano: [20?]



Fotografias de suas exposições
fotográficas realizadas em escolas.
Ano: [s.d.]



Fotografias de suas exposições fotográficas realizadas no Mezanino I do
Espaço Cultural. Ano: [20?]



Fotografias de suas apresentações fazendo
shows para crianças com seus bonecos, sendo um
deles, seu fantoche personalizado. Projeto Social -
Bonecos que Falam. Ano: [s.d.]

A coleção de fotografias de Arion Farias, em sua grande parte, encontra-se em formato digital com várias cópias de segurança. As que permanecem em papel fotográfico estão em perfeito estado de conservação, ficando a maioria guardada em caixas de papelão, com uma pequena quantidade em exposição no seu escritório domiciliar. Coleção essa constituída por fotografias produzidas e acumuladas durante sua vida profissional como fotógrafo, de sua autoria e de outros fotógrafos - como por exemplo: Gilberto Stuckert - traçando especificamente a história da Paraíba antiga. As fotografias estão separadas por assunto e a reprodução dessas, dependendo da fotografia, é custeada.

4.2 A COLEÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS FOTOGRÁFICOS

As máquinas fotográficas e *flashes* sempre fizeram parte do dia a dia de Arion Farias e ele, como um bom fotógrafo, fez questão de acompanhar o desenvolvimento fotográfico, colecionando e preservando máquinas e equipamentos fotográficos.

Arion Farias possui 500 máquinas fotográficas, dentre elas algumas raridades e preciosidades, lâmpadas foto *flash* primitiva, exemplares *flashes* e fotografias antigas, valendo aqui, elencar alguns desses materiais que exprimem um exuberante valor junto ao seu acervo, a saber:

Exemplares do ferrótipo²², forma primitiva da fotografia, datada de 1850 e chapas fotográficas de vidro.

²² O ferrótipo era um negativo de chapa úmida de colódio em fundo escuro, que dava origem a uma imagem positiva, em folha de metal esmaltado de preto ou marrom escuro, como suporte de colódio. Texto retirado do livro citado de Arion Farias do Nascimento. Ver Nascimento, 1985.



Linha evolutiva das lâmpadas
foto *flash*²³.



Exemplares de *flashes* fotográficos,
construindo assim sua linha evolutiva.

²³ Lâmpadas similares às incandescentes de hoje, com fios de pólvora em seu interior e com a diferença de que seu filamento era bem fino e muito longo e que, ao receber uma descarga elétrica, se queimava. Ou seja, para cada foto era utilizada uma lâmpada.

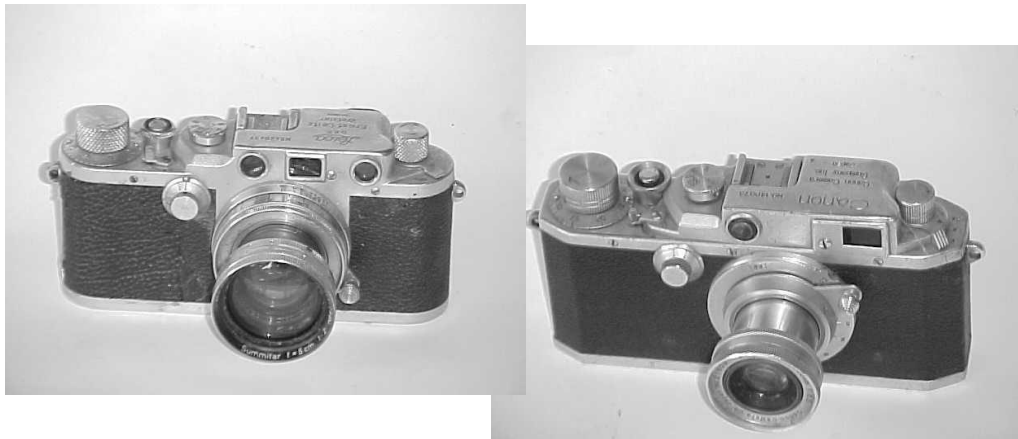


Máquina fotográfica “Lambe-lambe”, fabricada nas primeiras décadas do século XX.

Câmera fotográfica de fole em madeira do tipo 18x24cm fabricada em 1910, que fora usada pelo seu pai Ariel Farias, e por ele, Arion Farias, até 1963.



Máquina filmadora Pathé, francesa, de 1914 que era acionada por manivela, explicando Arion Farias que “tinha que dar o compasso binário para dar cadência à gravação de 36 quadros por segundo”.



A câmera Leica D.R.P Ernst Leitz Wetzlar, alemã, fabricada na década de 30 antes da Segunda Guerra Mundial, que foi pirateada pelos japoneses após a guerra, com o nome Canon.

A coleção de máquinas e equipamentos fotográficos de Arion Farias encontra-se em perfeito estado de conservação, estando todos sob sua guarda. A maioria está guardada em caixas de papelão, com uma pequena quantidade em exposição no seu escritório domiciliar. Coleção, essa, adquirida através de compras e doações.

4.3 RECORTES DE JORNAIS E DOCUMENTAÇÃO PESSOAL

Arion Farias também guarda em seu acervo os recortes de jornais que contêm reportagens a seu respeito, sempre tendo o cuidado de acompanhar seus registros jornalísticos, recortando e guardando os artigos de sua autoria e as reportagens sobre sua trajetória de vida. Ademais, encontramos suas oitocentas crônicas publicadas nos jornais O NORTE e Correio da Paraíba, DVDs com algumas das suas oitenta e sete entrevistas concedidas aos canais de comunicação, seus materiais de estudo, tais como: livros, apostilas, revistas, reportagens e em um envelope, todos os roteiros de suas entrevistas concedidas até o presente momento.



5 REVELAÇÕES

5 REVELAÇÕES

“Independente do desafio, aja no limite do esforço e seja competente. O resto é resultado.”

(Thimer)

A epígrafe escolhida para representar este capítulo nos faz lembrar o começo deste trabalho, uma vez que nos encontrávamos cobertos de desafios que deveríamos encarar para só assim alcançarmos nossos objetivos. Desafios estes, que se revelavam a cada detalhe à medida que íamos descobrindo ou tínhamos de vasculhar arquivos e documentos com o intento de responder ao ponto ainda obscuro sobre a vida e obra de Arion Farias

As primeiras dificuldades surgiram quando nos deparamos com o novo. Arion Farias, de fato, não era a novidade em si, pois já conhecíamos sua existência e sua obra. Entretanto, pouco conhecíamos da grandeza de sua trajetória de vida. Foi, então, que encontramos a motivação maior para o desenvolvimento deste trabalho: a necessidade de explorarmos a trajetória de Arion Farias na intenção de reavivar não apenas a vida desse homem, mas, também, o passado paraibano que fora guardado por décadas em suas estantes e vinda a público a partir de seus escritos ou de sua oralidade.

(Res)significar a memória de Arion Farias provou-se uma verdadeira jornada. Como num jogo de quebra-cabeça, foi necessário adquirir toda sorte de informações para, então, ordená-las. Valendo-se de documentações, minúcias e detalhes cedidos por entrevistados e por ele, fomos dando formas e texturas à trajetória de vida de Arion.

No decorrer das atividades, as relações estreitaram-se e a cada momento de pesquisa, mais se conhecia sobre Arion Farias e maior era o interesse em continuar a explorar o que há de mais belo neste trabalho: a memória de um paraibano e de sua terra eternizada por seu olhar fotográfico. Com o interesse e o desejo de

conhecimentos aguçados, os desafios acabaram por serem secundários, minimizando-se. Estes foram dissolvidos com muito esforço, resultando, assim, na solidez deste trabalho, que reconstrói a vida e obra de Arion Farias. Um homem de ideias e ideais, que sempre buscou guardar a memória paraibana em suas fotografias, seus escritos, suas histórias, suas coleções e esteve continuamente preocupado em acompanhar o avanço tecnológico guardando equipamentos fotográficos que rememorassem este avanço.

Neste momento de revelações é prazeroso dimensionar o que foi adquirido até então e perceber que nem tudo que conseguimos é suscetível ao dimensionamento. É possível definir elementos tais como o conhecimento e os resultados científicos que foram obtidos durante tantas pesquisas e esforços. Entretanto, as amizades, as afeições, os vínculos estabelecidos, são fatores adquiridos com o tempo e que são, intrinsecamente, imensuráveis. Estes dão um verdadeiro valor vivencial ao trabalho e diferencial à qualidade da totalidade dos resultados galgados.

Arion Farias não só contribuiu para a memória paraibana, mas, também, possui um verdadeiro legado de benfeitorias por onde passou. Na UFPB, acompanhou a expansão da instituição, materializando este processo em suas fotografias, além de ter desenvolvido a carreira pedagógica também no ramo da fotografia.

Nos jornais paraibanos, contribuiu com o fotojornalismo, eternizando os principais acontecimentos e os avanços do Estado. O valor da obra de Arion é, acima de tudo, imensurável e todo seu trabalho merece destaque e reconhecimento.

Este trabalho significa um avanço no reconhecimento da obra de Arion Farias. Entretanto, devido ao curto prazo para seu desenvolvimento, deixa em aberto muito a ser estudado e disponibilizado para um público maior. É importante que este seja apenas um ponto de partida para uma mais ampla exploração da obra deste paraibano que tanto contribui para a memorização da história do nosso Estado e de nossa cidade. Não damos por encerrada nossa etapa: essa se configura como um grão de mostarda se comparada à obra e ao acervo do mestre Arion Farias.

De modo que, essa história continua. Ele continua. E a sua obra permanece.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>>. Acesso em: 02 maio 2013.

BARBOSA, Anderson Gomes; SILVA, Raisander Pereira da. **Arquivos Fotográficos: Análise Documental e Descrição Arquivística**. Vitória, 2010.

BARRENECHE-CORRALES, Johana. **O método autobiográfico e a pesquisa social, Testemunhos e histórias de vida**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST50/Johana_Barreneche_Corrales_50.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2013.

BAUMANN, Eneida Santana. **O arquivo da família Calmon à luz da arquivologia contemporânea**. Salvador: BA, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7834/1/O%20ARQUIVO%20DA%20FAM%20C%20DLIA%20CALMON%20%20C%20LUZ%20DA%20ARQUIVOLOGIA%20CONTEMPOR%20C%2082.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRASIL. ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

_____. **Decreto nº 4.073, 3 de janeiro de 2002. Regulamenta a Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4073.htm>. Acesso em: 16 jul. 2013.

_____. **Lei nº 8.159, 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm>. Acesso em: 15 jul. 2013

CALADO, Eliana Alda de Freitas. **Autobiografias de Simone de Beauvoir: Sujeito, Identidade, Alteridade**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10823/1/2012_ElianaAldadeFreitaCalado.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2013.

CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Pesquisa de campo qualitativa: uma vivência em geografia humanística. In: **GeoTextos**, vol. 6, n. 2, p. 139-162, 2010. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/4834/3583>. Acesso em: 03 jul. 2013.

DUARTE, Zeny; FARIAS, Lúcio. **O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico**. Salvador: ICI, 2005.

FINDÊNCIO, Luana Marques. **Autobiografia ao Correr da Máquina: A Escrita de Si na Crônica de Clarice Lispector**. Uberlândia, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/1936/1/AutobiografiaCorrerM%C3%A1quina.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2013.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Verga/Passagens, 1992, p. 129 - 160.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>. Acesso em: 02 maio 2013.

_____. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: Ângela de Castro Gomes (org.). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 07 - 24.

GOMES, Dyogenes Chaves. **Dicionário das Artes Visuais na Paraíba**. João Pessoa: Linha D'Água, 2010. Disponível em: <http://artesvisuaisparaiba.com.br/artista.php?id=150>. Acesso em: 06 maio 2013.

GRECCO, Priscila Miraz de Freitas. Biografias e Autobiografias: A Construção de Si. 2005, p. 41 - 45 In: **Revista Eletrônica Polidisciplinar Voos - ISSN 1808-9305**. Disponível em: http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/151/06_NES_C01_2005. Acesso em: 06 jun. 2013.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas**. Campos, 2011. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewFile/28562/18785>. Acesso em: 09 jun. 2013.

HERNÁNDEZ, Alexia Sanz. **El Método Biográfico en Investigación Social: Potencialidades y Limitaciones de las Fuentes Orales y Los Documentos**

Personales. Asclepio, vol. LVII-1, 2005. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?q=El+m%C3%A9todo+biogr%C3%A1fico%3A+El+uso+de+las+historias+de+vida+en+ciencias+sociales+&hl=pt-BR>>. Acesso em: 09 jun. 2013.

JOVIANO, Lúcia Helena da Silva. O universo da escrita de si: autobiografias, memórias, diárias. In: Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo & Flávia Florentino Varela (org.). **Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas.** Ouro Preto: EdUFOP, 2008. (ISBN: 978-85-288-0057-9). Disponível em: <<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2008/t/lucia.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

LIMA, Maria Teresa Gomes de Almeida. O “Pacto Autobiográfico” e os álbuns fotográficos. In: **Anais - 1º CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários.** Paraná: Maringá, 2010. (ISSN 2177-6350).

MALATIAN, Teresa. **Escrita de si e Narrativa histórica.** Franca: UNESP, s.d. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46186/1/01d21t03.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2013.

MARTINEZ, Lusiane Vivian. **NOBRADE e a descrição de fotografias nas diversas áreas da Ciência da Informação.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Arquivologia, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22753/000740211.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. **História Oral como fontes: problemas e métodos.** *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998

NASCIMENTO, Arion Farias do. **Paraíba Ontem e Hoje.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1985.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **JOSÉ SIMEÃO: escritos de uma trajetória.** Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

_____. Memória e arquivos literários: a escrita de si como registro intimista. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 11, 2010, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANCIB, 2010. Disponível em:

<<http://congresso.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/336>>. Acesso em 23 jun. 2013.

PEDROCHI, Mara Angélica. **A coleção de automóveis de Eduardo André Matarazzo: o processo de institucionalização de uma coleção.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

RODRIGUES, Cláudio José Lopes. **A Universidade em Positivo e Negativo - A memória fotográfica da UFPB.** João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

SANTOS, Lúcia Maria Pantaleão dos. Um historiador da vida e do cotidiano. In: MELLO, J. O. A.; NASCIMENTO, A. F.; Mello, H.; CABRAL, H. (org.). **História da Paraíba e sua Capital.** João Pessoa: Imprell Editora, 2010.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais.** São Leopoldo, v. 1, n. 1, 2009. ISSN: 2175-3423. Disponível em: <http://portaldoaluno.webaula.com.br/Biblioteca/Acervo/Basico/O01655/Biblioteca_104444/pesquisa%20documental.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2013.

SILVA, L. R. C., DAMACENO, A. D., MARTINS, M. C. R., SOBRAL, K. M., FARIAS, I. M. S. **Pesquisa Documental: alternativa investigativa na formação docente.** In: IX-CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE. Anais, Paraná, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3124_1712.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2013.

SIMÕES, Ana Luísa Gaudêncio. **O arquivo pessoal de Maria Judite Pinto Mendes de Abreu: análise, tratamento arquivístico e difusão da informação.** Dissertação. Coimbra, 2011. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/19027/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ana%20Sim%C3%B5es%20-%20Sim%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2013.

TANNO, Janete Leiko. Os Acervos Pessoais: Memória e identidade na produção e guarda dos registros de si. In: **Revista eletrônica do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa-CEDAP Patrimônio e Memória,** São Paulo, v. 3, n. 1, p. 101-111, 2007. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/46>>. Acesso em: 28 maio 2013.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: Ângela de Castro Gomes (org.). **Escrita de si, Escrita da História.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 111 - 137.

APÊNDICES



APÊNDICE A - Roteiro da entrevista realizada com Arion Farias

PROJETO: (Re)construir a vida e obra do fotógrafo Arion Farias

ENTREVISTADO:

LOCAL:

ENTREVISTADORES: Professora Bernardina e a aluna Virllane Alinne

TRANSCRIÇÃO: Virllane Alinne

DATA DA TRANSCRIÇÃO:

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:

DATA DA CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:

ENTREVISTA

Bloco 1

1. Qual é o seu nome completo?

2. Em que ano e em que cidade o senhor nasceu?

- Descreva as lembranças (as distantes e destacadas) de sua infância.
- Estrutura familiar - Seus pais: Eles são daqui? Quais eram suas profissões? Fale-me sobre eles.

E seus irmãos: São quantos? Estão todos vivos? Residem em João Pessoa? Sempre mantém contato com eles?

- Juventude - Quais são as lembranças da sua juventude? (o que lhe marcou neste período? E a cidade de João Pessoa: Quais são suas lembranças?)

E sobre os estudos - o senhor estudou onde? Como era seu desempenho, tem alguma formação?

Na juventude: ele vai adentrar em sua vida amorosa. Perguntar como começou seu relacionamento com sua esposa Miselda. Perguntar sobre seus filhos (nomes, onde residem, como é sua vivência com os seus filhos) e perguntar pelos seus netos e bisnetos.

Bloco 2

3. Onde vive hoje e qual sua principal ocupação?

4. Como se deu sua escolha profissional (o que mais marcou na profissão)?

5. Como e em que circunstâncias surgiu seu interesse pelas fotografias e pelo colecionismo?

6. Como começou seu interesse pelas fotografias? Por que a opção por este objeto?

7. Em que circunstâncias ele começou a trabalhar na UFPB? Como ocorreu seu ingresso na vida docente?

Bloco 3

8. Como se originou seu acervo? (a primeira foto, a primeira máquina, as palestras, entrevistas, cursos – perguntar a frequência, onde, o senhor tem algum registro, tem os textos que fez para as palestras?)

9. Doação do acervo – em que termos ele foi doado, as condições, por que, pra quem, quando, se há algum documento oficial (cópia)?

10. O senhor tem trabalhos publicados? Quais são? Fale-me sobre eles. Tem alguma crítica sobre eles? Tem os recortes de jornais?

11. Perguntar sobre suas honrarias, títulos.

12. E seus amigos? Quem são? Fale-me sobre seus laços de amizade.

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Nome: Virllane Alinne de Almeida Souza, graduanda em Arquivologia

Orientadora: Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Professora Adjunto do Departamento de Ciência da Informação da UFPB.

E-mail: bernardinafreire@gmail.com – Fone: (83) 3216 7483 (PPGCI)

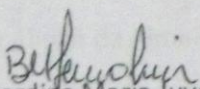
O objetivo desta é apresentar a aluna do Curso de Graduação em Arquivologia desta Universidade, ora em fase de conclusão de curso, necessitando para tanto elaborar, como requisito obrigatório, seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob minha orientação, intitulado: “**Arion Farias: retrato de um acervo pessoal privado**”

Saliento para tanto que a referida aluna sempre foi pontual e assídua diante dos compromissos assumidos e demonstrado motivação pessoal e acadêmica para desenvolver atividades de pesquisa sem possibilidades de desistências e tarefas mal assistidas. Face ao exposto ao apresentar minha orientanda de graduação aproveito para solicitar o apoio e permissão para que a referida aluna possa coletar dados necessários a pesquisa, por meio do uso da história oral, na modalidade temática, gravando entrevistas e cedendo-lhes outros documentos que possam colaborar com a pesquisa em pauta, que tem como objetivo primeiro (re)construir a vida e obra do fotógrafo Arion Farias, considerando seu legado artístico e cultural para a Paraíba, nordeste, e, em especial, para o Brasil. Reitero ainda que a aluna aqui apresentada

possui atributos para assumir, exemplarmente, a prática da pesquisa científica, bem como, desenvolver um trabalho que contribuirá para tirar do silêncio a vida, e, em especial, a obra de quem tanto contribuiu e contribui para a vida cultural do estado da Paraíba.

Na certeza de contar com o apoio e parceria de sempre, agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,


Profª Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Matrícula SIAPE Nº 3116045
UFPB/DCI

João Pessoa, 20 de maio de 2013.

**APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS
PESSOAIS E BIOGRÁFICOS**

Autorizo as pesquisadoras Virllane Alinne de Almeida Souza e Prof^a Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira a utilização, a divulgação e a reprodução de imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por mim apresentados e cedidos, para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso cujo objetivo consiste em (re)construir a vida e obra do Fotógrafo Arion Farias.

A pesquisadora Virllane Alinne de Almeida Souza, sob a orientação da Prof^a Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, ambas poderão, a qualquer momento, utilizar, divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (Internet); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmicos e científicos.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que vai por mim datada e assinada.

Nome:		
Endereço:		
Cidade:	Estado:	CEP:
RG:	CPF:	
Telefone:	Celular:	
E-mail:		

João Pessoa, ____ de _____ de 2013.

Assinatura do entrevistado

Testemunhas:

1. _____
2. _____

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

5729a Souza, Virllane Alinne de Almeida.

Arion Farias: retrato de um acervo privado pessoal. / Virllane Alinne de Almeida Souza. - João Pessoa: UFPB, 2013.

95f.; il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - UFPB/CCSA.

1. Escrita de si. 2. Arquivo privado pessoal. 3. Arion Farias. I. Oliveira, Bernardina Maria Juvenal Freire de. II. Título.